



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CLÁUDIA BEATRIZ NEITZKE BERTOCHE**

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: DOS (DES) USOS DO LABORATÓRIO DE  
INFORMÁTICA.**

Porto Alegre-RS

2017

Cláudia Beatriz Neitzke Bertoche

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: DOS (DES) USOS DO LABORATÓRIO DE  
INFORMÁTICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Banca Examinadora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Evandro Alves

Porto Alegre -RS

2017

Cláudia Beatriz Neitzke Bertoche

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: DOS (DES) USOS DO LABORATÓRIO  
INFORMÁTICA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Banca de Examinadora do curso de Pedagogia da Faculdades de Educação da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. : Dr.<sup>a</sup> Cíntia Inês Boll  
Examinador- UFRGS

---

Prof<sup>o</sup>. : Dr.<sup>o</sup> Evandro Alves-  
Orientador e Examinador- (DEE/FACED/UFRGS)

---

Prof<sup>o</sup>. : Dr.<sup>o</sup> Rafael Arenhldt  
Examinador- UFRGS

Porto Alegre, 19 de janeiro de 2018

### **Dedicatória**

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, a meu companheiro Rudinei Rodrigues de Mello, pessoa com quem adoro partilhar a vida. Obrigado pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre. A meus Filhos preciosos os melhores e maiores presentes.... Que a vida me deu!

Aos meus pais, minha mãe Dona Silvia pela criação, o amor incondicional e pela *mulher guerreira* que é, grande exemplo, a meu pai, Seu Bertoche, "*In Memoriam*" pela criação e o carinho que fez de mim a pessoa que sou hoje, sempre me incentivando a nunca desistir dos desafios...Que falta você me faz!

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. A minha mãe heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço. A meu pai que, apesar de todas as dificuldades, me fortaleceu. Para mim, foi muito importante.

Agradeço também a meu companheiro Rudinei que, com seu jeito especial e carinhoso, me apoiou nos momentos de dificuldades, dando-me força e coragem. Quero agradecer também meus filhos, Juliana, Andrieli, Matheus e Geovana, que trouxeram luz de maneira especial aos meus pensamentos levando-me a seguir este caminho e buscar mais conhecimentos.

Agradeço ao meu professor orientador Evandro Alves, pela seleção de textos, pela paciência que teve, seu grande desprendimento em ajudar-me a concluir este trabalho, e pela amizade sincera.

Agradeço também a meus professores do curso que durante muito tempo me ensinaram e mostraram-me o quanto estudar engrandece o espírito e fortalece o caráter. Agradeço também a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela acolhida em sua instituição no curso de Pedagogia.

Meus agradecimentos aos amigos e colegas companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

Ao departamento NTE (Núcleo de Tecnologia e Educação) da Secretaria de Educação Do Estado Do Rio Grande do Sul, pela disponibilização do material necessário para as pesquisas técnicas. A coordenação da escola onde foi realizado o estudo, professores e os estudantes que participaram de bom grado desta pesquisa.

A todos que fizeram parte da minha caminhada, direta ou indiretamente da minha formação, o meu muito obrigado!

*“As escolas são as incubadoras do novo e têm um papel inestimável e imprescindível na formação dos cidadãos neste milênio que aponta.”*

*Maria T. E. Mantoan<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> MANTOAN, M.T.E. Ensinando a turma toda. Pátio, Porto Alegre, ano 5, n. 20, p.18-23, 2002. In: Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade/Coordenadora-geral: Lúcia Helena Lodi. -Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, SEB, SETEC, SEED,2003.

## RESUMO

O mundo em que vivemos hoje foi invadido pela cultura tecnológica, modificando as práticas sociais. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm transformado o modo de se relacionar dos sujeitos com a sociedade. Os que não conseguem acompanhar essa evolução, sobretudo os mais pobres, muitos dos quais estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), acabam por não participar de processos sociais que utilizam as TIC no cotidiano: envio de mensagens acesso a redes sociais, pagamentos de contas on-line, cursos a distância para formação profissional, entre outros. Desta forma, a inclusão digital torna-se, para além do mero acesso a computadores, uma questão política, social e cultural, no qual a escola tem um contributo importante a realizar. Este trabalho tematiza possibilidades e desafios com relação à inclusão digital e o uso TICs e EJA, no referente ao uso e organização laboratório de informática na prática pedagógica para esta modalidade de ensino. O referencial teórico busca articular estas questões: o uso e a importância TICs nos processos educativos na EJA no contexto da prática pedagógica voltada à inclusão digital e social. A pesquisa realizada é de cunho qualitativo, configurada como um estudo de caso, tendo com espaço de investigação o laboratório de informática de uma escola da rede estadual voltada à EJA, localizada em Porto Alegre. Os instrumentos utilizados para a produção de dados foram a observação participante, e entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados gestores, professores e estudante da EJA quanto a possibilidades e limites do uso deste laboratório de informática. A partir das análises embasadas pelo referencial teórico presente no corpo deste trabalho e pelas falas dos entrevistados que sugerem trazem à tona, a falta de estrutura física, lógica e humana das escolas para lidarem com TIC no laboratório de informática no contexto de EJA. Nas considerações finais, discorrem-se sobre os achados de pesquisa e aventam-se outras possibilidades investigativas, visando o aprofundamento da temática.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos. Tecnologias de Informação e Comunicação. Inclusão digital.

## LISTA DE SIGLAS

APPs - É a Abreviação da Palavra “Applications”, ou Aplicativos

CAT - Certificação de Avaliação de Título

CRE - Coordenadoria Geral de Educação

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FAPA – Faculdade Porto Alegrense

GEEMPA - Grupo de Estudos Sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação

GESAC - Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

NEEJA - Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos

NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional

PROINFO - Programa Nacional de Formação Continuada de Tecnologia Educacional

PUC – Pontífice Universidade Católica

SEDUC/RS – Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul

SUS - Sistema Único de Saúde

TICs -Tecnologias da Informação e Comunicação



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Utilização de Mídia, por faixa etária. ....	23
Figura 2 - Utilização de Mídia, por escolaridade .....	24
Figura 3 - Utilização de Mídia, por ocupação .....	24
Figura 4 - Utilização de Mídia, por renda familiar.....	25
Figura 5 - Uso da internet, por dia na semana, por faixa etária.....	26
Figura 6 - Imagens do Laboratório de Informática.....	39

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
2.1	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E MARCOS LEGAIS .....	15
2.2	INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL .....	21
2.3	TRABALHOS CORRELATOS.....	32
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>36</b>
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	36
3.2	CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA E OS SUJEITOS DE PESQUISA .....	37
3.3	CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA .....	38
3.4	CONTEXTUALIZAÇÃO DO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA.....	38
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>40</b>
4.1	SOBRE USO E FREQUÊNCIA.....	40
4.2	RESISTÊNCIAS.....	42
4.3	IMPORTÂNCIA E O QUE PODERIA SER APRIMORADO .....	46
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>
	<b>ANEXOS E APÊNDICES.....</b>	<b>61</b>
	ANEXO 1 – TERMOS DE CONSENTIMENTO .....	61
	ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	62
	ANEXO 3 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....	64

# 1 INTRODUÇÃO

Sempre me causou certo incômodo a falta de estrutura física e humana de algumas escolas públicas em que tive a oportunidade de passar, ao realizar as atividades de observação e práticas previstas no Curso, desde que iniciei as atividades na área da Educação, tendo cursado o curso normal Magistério e, agora, concluindo o curso de Pedagogia.

Poucas vezes me deparei, em meu processo de formação como pedagoga, com escolas que usassem efetivamente de seus laboratórios de informática e outras tecnologias para fins pedagógicos.<sup>2</sup> As práticas pedagógicas que observei nos laboratórios de informática das escolas eram focadas na pesquisa em sites e jogos online.

Não levavam em conta o potencial das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) disponíveis nestes espaços, sejam dispositivos ou softwares: computadores, câmeras digitais, *tablets*, celulares, programas, aplicativos e outros recursos. Tal desconsideração encontra ainda outro fator agravante: a ausência de formação adequada dos educadores para realização de atividades que contemplassem a integração dos conteúdos curriculares com as ferramentas disponibilizadas nos laboratórios de informática.

---

<sup>2</sup>Segundo Veraszto et al (2008, P. 79), uma tecnologia “abrange um conjunto organizado e sistematizado de diferentes conhecimentos, científicos, empíricos e intuitivos. Sendo assim, possibilita a reconstrução constante do espaço das relações humanas”. Quanto ao uso das tecnologias na aprendizagem da EJA, Philippsen (2014) aponta que, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, ao docente caberia desafiar os estudantes da EJA com o uso de diversas tecnologias, entendendo-as como uma extensão de suas capacidades, a serem utilizadas para potencializar o pleno desenvolvimento de seus potenciais humanos.

Ao começar a trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o incômodo inicial quanto à (pouca) atenção dada ao uso das TICs no laboratório de informática só aumentou. O estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia, realizado no primeiro semestre de 2017, foi realizado em uma turma de T2 da EJA (totalidades equivalentes 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>o</sup> anos)<sup>3</sup> do período noturno, de uma escola da rede de estadual de ensino, situada no município de Porto Alegre.

Lembro que, durante esse estágio na EJA, planejei atividades em que faria uso do laboratório de informática com a turma. Porém, não pude realizá-las, pois o laboratório estava fechado naquela noite. E, pelo que pude perceber, não somente o laboratório estava fechado. Outros espaços da escola, com exceção das salas de aula, banheiros e secretaria, também assim se encontravam. Só havia um integrante da equipe diretiva presente na escola, responsável por todo o espaço escolar. Tive de deixar para outro dia.

Quando finalmente consegui levar a turma de EJA ao laboratório de informática, pude constatar outros aspectos. O mau funcionamento de algumas máquinas e a falta de softwares adequados à alfabetização, por exemplo, que me permitisse trabalhar com os estudantes. Procurei dar seguimento com algumas atividades em que se pudesse, ao menos, manusear o aparelho. Houve um pouco de resistência dos estudantes no princípio. Alguns deles nunca tinham mexido em um computador antes. Ao longo da atividade, aos poucos, eles foram se habituando a estar frente à máquina.

Apesar dos esforços do governo e de instituições escolares para efetivar a inclusão digital, existem dificuldades para realizá-la. Sobretudo na modalidade EJA, por suas especificidades e a resistência por parte de alguns estudantes (bem como docentes e instituições, como se verá ao longo

---

<sup>3</sup> Totalidades - (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. p. 16.) Estabelece a organização curricular em TOTALIDADES, tendo um significado que rompe com a lógica da seriação. As turmas da EJA são chamadas de Totalidades de Conhecimento. Estão divididas em dois segmentos: As totalidades Iniciais - T1, T2, T3 - (equivalentes a turmas de alfabetização até o quinto ano). Fazem parte dessa etapa as apropriações dos diferentes códigos culturais, e das linguagens que incluem os conceitos relacionados à construção de número, grandezas, tempo e espaço. Já as Totalidades Finais – T4, T5 e T6- (equivalentes a turmas do sexto ao nono ano), há um aprofundamento dos conceitos desenvolvidos nas Totalidades Iniciais, a partir dos componentes curriculares, que ganham maior abrangência e complexidade.

trabalho). Tal resistência, conforme NUNCIATO (2009) e VIRIATO (s.d) é comum de ser observada, sobretudo em adultos com mais idade. Eles encontram inúmeras justificativas para não usar as TICs.

Assim, pode-se pensar que, para o estudante da EJA, voltar a estudar para aprender a ler e escrever, por si só, já é um grande desafio, uma vez que:

Conscientemente, os jovens e adultos analfabetos podem até saber que seria vantajoso essa aprendizagem, mais inconscientemente, desenvolve mecanismos de defesa para não construí-la por medo do desconhecido, ou por não se sentirem capazes, por exemplo. (SCHWARTZ, 2010, p.67).

Assim, pode-se pensar que o estudante voltar a estudar em um processo que busca integrar as TICs à prática pedagógica poderia acabar causando ainda mais insegurança. Sobretudo em adultos com mais idade, por medo de quebrar, de não saber utilizar o mouse e o teclado, de “se perder” na interação com a máquina. Em contrapartida, estudantes mais jovens da EJA estão mais familiarizados com as TICs, sobretudo por experiências fora do ambiente escolar, se adaptariam mais facilmente que adultos ao uso do computador, por terem nascidos imersos neste contexto digital, apesar da baixa escolaridade.

A ausência de trabalhos que envolvam as TICs na EJA, neste sentido, não atende ao adulto, que precisa “perder o medo” da máquina, nem ao jovem, que lida com as TICs fora do contexto escolar e que não tem oportunidade de aprofundar sua inserção na cultura digital com trabalhos pedagógicos envolvendo as tecnologias.

Na contramão desta ausência, lidar com as tecnologias torna-se uma questão para as pessoas jovens e adultas na contemporaneidade. No mundo do trabalho e em outras dimensões da vida cotidiana, essa demanda encontra-se cada vez mais próxima desse público. Os estudantes da EJA encaram a necessidade de manejar aparelhos/ferramentas que exigem certa intimidade com a tecnologia que lhes limitam em função de sua escolaridade, para poderem trabalhar, exercer a participação política, comprar e vender, se divertir, etc. Dessa maneira, é de suma importância tornar a inclusão digital

efetiva em todas as etapas da escolaridade. Isso porque as TICs, imersas no meio social, são aprendidas na informalidade pela população. Mostrar aos estudantes que as tecnologias podem auxiliar na sua aprendizagem e ter uma visão crítica sobre a circulação de informações cabe, sobretudo, à Educação. E as escolas, sobretudo às voltadas à EJA – que atende uma população mais pobre, que talvez não tenha acesso sistemático a computador, tablete e Internet a não ser em seus laboratórios de informática – têm papel fundamental neste processo.

Entretanto, não é suficiente incluir digitalmente os estudantes da EJA sem levar em conta que vivemos em constantes mudanças sociais. O avanço tecnológico, sobretudo no mundo do trabalho, obriga-nos a fazer uso das tecnologias no nosso cotidiano. Mas somente operar as ferramentas para fins de cumprir demandas de trabalho não basta para uma apropriação das TICs. É preciso proporcionar da tecnologia, para que ela não se torne um fim em si mesmo. É necessário explorar diferentes formas de empregá-las a fim de possibilitar aprendizagens para estudantes e educadores, criando um ambiente que motive e torne a sala de informática/sala de aula em dinamizadoras do potencial desenvolvimento humano. Rolkouski (2011, p. 87) salienta que “(...) o papel da tecnologia no processo ensino-aprendizagem subentende uma concepção do que vem a ser o aprender e o ensinar”. Em outra parte do seu livro o autor enfatiza também que: “O uso da tecnologia está além do ‘fazer melhor’, ‘fazer mais rápido’, trata-se de um ‘fazer diferente (p. 102) ”em que o educador e a escola, em específico na modalidade EJA, precisam estar preparados para esse uso.

Nesse sentido, a pergunta norteadora deste trabalho é: Quais os limites e desafios encontrados no processo do uso das TICs na EJA, no primeiro segmento do ensino fundamental, do ponto de vista discente, do quadro docente e responsáveis pela formação técnica e pedagógica de uma escola da rede estadual do município de Porto Alegre?

Este trabalho objetiva, em termos gerais, tematizar possibilidades e desafios enfrentados com relação à inclusão digital e o uso das Tecnologias da informação e comunicação na EJA e as possibilidades de aprendizagem

desses sujeitos na sala de informática. Os objetivos específicos do trabalho são:

- 1) Sistematizar referencial teórico sobre as temáticas da Informática na Educação e Educação de Jovens e Adultos.
- 2) Realizar coleta de informações com os atores envolvidos no processo na escola em estudo.
- 3) Analisar os dados coletados, buscando delimitar quais os desafios e possibilidades no uso do laboratório de informática neste contexto.

Quanto à metodologia da pesquisa, realizou-se pesquisa de caráter qualitativo, configurada como um estudo de caso. Como campo de estudo, elegeu-se a escola de EJA em que foi realizado meu estágio curricular obrigatório, bem como o setor da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/RS) responsável pela formação em TICs desta escola. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação participante e a realização de entrevistas. Foram entrevistados gestores, professores e estudante deste contexto específico. As entrevistas centraram-se em questionar a importância da informática no processo de aprendizagem de pessoas jovens e adultas e possibilidades e limites do uso do laboratório de informática na EJA.

O presente trabalho se organiza da seguinte maneira: este primeiro capítulo apresenta sucintamente motivações, questões de pesquisa, objetivos e trabalho realizado. O segundo capítulo diz respeito ao referencial teórico utilizado para embasar este trabalho, trazendo os conceitos, análises e reflexões de outrem no tocante as indagações e questionamentos do tema de pesquisa. O quarto capítulo traz as análises feitas a partir do levantamento dos dados adquiridos no decorrer da pesquisa, mediante o embasamento teórico presente no corpo deste trabalho. No quinto capítulo serão realizadas ponderações sobre os resultados encontrados.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico deste trabalho traz, de um lado, apontamentos sobre a EJA no Brasil, quanto a marcos teóricos e históricos. Num segundo momento Estes autores relatam a importância da alfabetização/letramento na vida das pessoas jovens e adultas, considerando suas experiências, e uso das TICs para processos pedagógicos desta natureza, no contexto da inclusão digital e social. Foram utilizadas as obras de Mark Warschauer, (2006), Paulo Freire e Sergio Guimarães (2011), José Larrosa (1994) e José Manoel Moran (2012). Por fim, apresentam-se trabalhos correlatos, que tematizaram a questão das TICs na EJA.

### **2.1 Educação de Jovens e Adultos no Brasil: aspectos históricos e marcos legais**

Para compreender como se estrutura a Educação de Jovens e Adultos hoje, faz-se necessário entender seu desenvolvimento ao longo da história nosso país.

De acordo com Ghiraldelli Jr. (2008) a educação brasileira começa ainda no Brasil Colônia:

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas [1549]; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821). (Ghiraldelli Jr. 2008, p. 24).



Entre os séculos XVI e XVIII, o objetivo do ensino dos jesuítas era a propagação da fé cristã, mas também a transmitir os conhecimentos de natureza católica aos filhos dos índios, como forma de se converter as populações nativas jovem e adulta. O Marquês de Pombal, no final do século XVIII, no contexto do iluminismo português, expulsou os jesuítas das colônias e busca organizar as escolas conforme os interesses do Estado, e não mais da Igreja. Neste sentido, foram importantes as aulas régias, no qual a Coroa Portuguesa passa a pagar professores para que ensinassem. Porém, dada a vastidão do território e a educação e uma proposta educacional que não era voltada a todos, a oferta de educação era para uma parcela muito pequena da população. Os processos educativos, aí sim para jovens e adultos, são incrementados com a chegada da família Real ao Brasil (1808), sobretudo na capital, Rio de Janeiro. Eram processos educativos voltados ao aprendizado de vários ofícios, para atender a corte que veio para o Brasil com o Imperador Dom João VI.

Já no contexto da independência e instauração da monarquia no Brasil, temos a primeira constituição brasileira, outorgada por D. Pedro I, em 1824. Interessante notar que constava, no artigo 179 no inciso XXXII a garantia de “Instrução primaria, e gratuita a todos os Cidadãos” (BRASIL, 1824). No decorrer do século XIX houve várias reformas, porém sem a efetividade necessária para a construção de um sistema nacional de ensino. Esse fato é discutido em várias instâncias do governo para a efetivação do dispositivo constitucional. Para Soares (2002):

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de Ensino. (Soares, 2002, p. 8).

Porém, apesar das análises e discussões dos legisladores, não houve avanços no período entre a segunda metade do século XIX e a década de 1930 de efetivação de uma oferta de Educação de Jovens e Adultos. O que havia era o incremento de processos de ensino e aprendizagem a jovens e

adultos, que tentavam articular a escolaridade de jovens e adultos às normas de conduta na cidade em um país que se urbanizava rapidamente (no século, XIX, muitas iniciativas de alfabetização de jovens e adultos utilizavam o Código Criminal como “cartilha”, conforme Galvão e Di Pierro (2013).

Com o desenvolvimento industrial dos séculos XIX e XX, há uma lenta valorização da EJA. O processo de industrialização nos centros urbanos gerou uma demanda por mão de obra especializada. Assim criaram-se, aqui e acolá, instituições para capacitação de jovens e adultos. Neste período, o processo de industrialização faz com que a população da zona rural passe a migrar para o centro urbano na esperança de ter emprego e melhorar sua qualidade de vida. Com isso surgia à necessidade de alfabetizar esses trabalhadores, o que contribuiu para a criação de escolas para adultos e adolescentes, muito embasada no aprendizado de ofícios.

Porém temos também, neste final de século XIX e início do XX, segundo Galvão e Di Pierro e (2013) é a acentuação do recrudescimento do preconceito social contra o analfabeto, a partir da reforma eleitoral de 1881 – A Lei Saraiva – que retira o direito de voto a quem não soubesse escrever. O analfabetismo se torna, legalmente, um estigma social e quem não sabe ler e escrever (nesta época, boa parte da população) será apontado, várias vezes, como o principal fator do não desenvolvimento nacional. O voto do analfabeto só será retomado como direito, e de forma facultativa, 104 anos depois, em 1985.

Já na era Vargas, malograda a constituição de 1934, temos, em 1937 uma nova Constituição, a isentar o Estado das responsabilidades com a educação. Segundo Ghiraldelli Jr (2008):

A constituição de 1937 fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com educação pública, uma vez que ela afirmava o Estado como quem desempenharia um papel subsidiário, e não central, em relação ao ensino. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público. (GHIRALDELLI JR, 2008, p.78).

Assim, o entendimento que faz sobre os atos políticos é que não havia interesse do governo naquele momento de fomentar processos educativos

entre a população menos favorecida. Em contraponto favorecia o ensino profissionalizante, visto que naquela época era melhor capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias. Na década de 40 o governo lançou a primeira campanha de Educação de adultos, essa campanha visava alfabetizar os analfabetos em três meses, com o intuito de aumentar a base eleitoral.

Ao longo dos anos 1950 e início dos anos 1960, houve iniciativas de uma educação de adultos com base em pressupostos que seriam conhecidos como Educação Popular. Dentre os intelectuais envolvidos, Paulo Freire se destacou por suas iniciativas na educação de jovens e adultos, voltada para a conscientização e para a transformação social. Freire constantemente batalhou pela extinção da educação elitista, tinha como objetivo uma educação democrática e libertária, partindo da realidade dos educandos e das suas vivências, segundo Aranha (1996):

O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. (Aranha, 1996, p.209).

Com o golpe civil-militar de 1964, as iniciativas voltadas a educação popular são interrompidas e muitos de seus proponentes, inclusive Paulo Freire, presos e/ou exilados. Em seu lugar, o regime militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL – pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967. O MOBRAL poderia até manter, a um olhar desatento, alguma similaridade quanto à forma com a metodologia de Paulo Freire, mas desconsiderava aspectos políticos no processo de ensino/aprendizagem, nem se ocupava com a formação crítica dos estudantes, com ênfase no coletivo e da transformação social. No contexto do MOBRAL, as pessoas tinham de aprender a ler para trabalhar e conseguir um bom emprego num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, na forma de uma conquista (ou derrota) individual. Assim, Strelhow (2011) reforça que o MOBRAL surgiu:

[...] com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada. Com esse programa a alfabetização ficou restrita à apreensão da habilidade de ler e escrever, sem haver a

compreensão contextualizada dos signos. Configurava-se assim, o sentido político do Mobral, que procurava responsabilizar o indivíduo de sua situação desconsiderando-o do seu papel de ser sujeito produtor de cultura [...]. (STRELHOW, 2011, p. 54).

Como decorrência deste processo, o indivíduo que ingressasse era identificado como uma pessoa vazia e sem conhecimentos prévios, a ser ‘socializado’ pelos programas do Mobral (MEDEIROS, 1999, apud STRELHOW, idem). O MOBREAL seria, com a redemocratização, em 1985, seria extinto, mas sua estrutura seria mantida agora com o nome de Fundação Educar que perduraria até a década de 1990.

Na década de 1980 e 1990, como retomada das lutas sociais da Educação como um direito de todos os cidadãos, apareceram diversas iniciativas em prol da Educação de Jovens e Adultos. A partir da constituição de 1988, o Brasil finalmente explicita seu compromisso neste sentido.<sup>4</sup> Estabelece a Educação como Direito de todos e passa a confiar a municípios e estados a tarefa de organizarem a oferta de educação aqueles que não conseguiram concluir seus estudos, por oferecimento público ou em parceria com instituições privadas e outros segmentos da sociedade civil.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – Lei 9.394/96) retoma o princípio do direito à educação e dispõe a EJA como uma modalidade da Educação Básica. Assim, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio passam a ser tratados como direito a todo cidadão que não concluiu seus estudos na idade considerada “própria” pela própria LDBEN (atualmente, 14 anos para o Ensino fundamental e 17 anos para o Ensino Médio), e que busca retomar e concluir sua escolarização.

Menciona-se, como decorrência no disposto da Constituição Federal e na LDBEN, o Parecer no. 11/2000 da Comissão de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, do relator Jamil Cury – que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000).

---

<sup>4</sup> O artigo 205 da Constituição Federal do Brasil define que “todas as pessoas tenham direito à educação visando o exercício da cidadania, a qualificação para o trabalho e o desenvolvimento do sujeito” (BRASIL, 1988).

O Parecer afirma que aos estudantes da EJA devem ser disponibilizadas, oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características dos (as) estudantes (as), seus interesses, condições de vida e de trabalho e respectivas idades, mediante cursos e exames, obedecendo à base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. A EJA nos mostra três dimensões de funcionalidade: As funções Reparadora, Equalizadora e Qualificadora.

- ✓ **A função reparadora:** pela qual o Estado brasileiro assume a reparação social dos direitos negados aos cidadãos brasileiros a Educação, oferecendo acesso e permanência na escola e ensino de qualidade.
- ✓ **A função equalizadora** assegura que a certificação de escolaridade na modalidade EJA terá o mesmo valor que a certificação obtida na escolarização em idade “obrigatória”, assegurando as mesmas oportunidades aos indivíduos de inserção no âmbito do trabalho e em outros meios sociais.
- ✓ **A função qualificadora**, trata-se de uma função permanente do qual o potencial de aperfeiçoamento e de adaptação pode se atualizar em escolas convencionais ou espaços não escolares ao longo da vida do jovem e do adulto.

Em suma, as três funções da EJA se entrelaçam e demandam ao poder público exigências do cumprimento de condições de acessar e permanecer na escola, e de haver um ensino de qualidade, para além do “mais rápido, mais fácil e de qualquer jeito”. Trata-se do reconhecimento a igualdade para jovens e adultos alcançarem novas oportunidades no mundo do trabalho, e o acompanhamento dos avanços tecnológicos da sociedade contemporânea, para "multiplicar o conhecimento, mas, especialmente os homens que pensam". (BRASIL, 2000, p.71)

Assim, a EJA tem como finalidade e objetivos o compromisso com a formação humana e com o acesso à cultura geral. Cultura na qual as TICs tornam-se cada vez mais fundamentais como mediadoras das relações com os outros, com o Estado, e como componente da própria expressão do sujeito.

Assim sendo, a modalidade de ensino EJA, exige do profissional em educação um maior aperfeiçoamento em TICs, a fim de compreender as transformações que ocorrem na sociedade, reinventando um novo modo de ensinar. A importância do uso das TICs no contexto da Inclusão digital será tematizada na próxima seção.

## **2.2 Informática na Educação e Inclusão Digital**

Existe um crescente avanço das TICs em várias esferas da vida social na contemporaneidade. Tal avanço é um dos principais agentes transformadores das comunidades locais, sendo veículos da conformação dessas do instável (e desigual) equilíbrio de uma “aldeia global”. Segundo Lévy:

A aceleração das Tecnologias é tão forte e tão generalizada que até mesmo os mais “ligados” encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança, já que ninguém pode participar ativamente da criação das transformações do conjunto de especialidades e técnicas, nem mesmo seguir essas transformações de perto. (LÉVY, 1999, p. 26).

O avanço das TICs é cada vez mais acelerado e se manifesta tanto no setor privado quanto no setor público de várias maneiras. Na administração pública, as TICs são utilizadas para verificação da transparência dos atos administrativos, para a fiscalização das ações governamentais e para favorecer a participação popular no exercício da cidadania. Na área da saúde, em específico, as TICs estão sendo empregadas para agilizar o acesso mais rápido da população aos serviços especializado e exames na rede pública no SUS (sistema único de saúde).

A indústria faz uso das TICs no processo de automação para aumentar os resultados nas linhas de produção. No comércio elas são usadas no gerenciamento dos estabelecimentos, nas diversas formas de publicidade. No setor de investimentos financeiros/bancos a informação é simultânea, e a comunicação imediata via mobile. Todas áreas se encontram em constante transformação, principalmente na área da Educação, em que a tecnologia vem sendo utilizada nos processos de ensino aprendizagem.

Esse aumento nos serviços mediados pelas TICs encontra ressonância também quanto ao maior acesso da população às mídias e à conectividade, conforme o *Relatório Final Pesquisa Brasileira de Mídia - PBM* (BRASIL, 2016). Esta pesquisa, por amostragem, é realizada anualmente para detalhar o consumo do brasileiro de mídia (rádio, TV, jornal, internet).

Segundo este Relatório, a Internet é acessada prioritariamente pelo celular (91% dos respondentes), s e pelo computador (65%)<sup>5</sup>. A atividade predominante é o acesso a redes sociais chegando a cerca de 40% estando no topo das atividades a qual a internet é empregada, seguida pelo acesso a recursos da administração pública e pesquisas.

Entre os entrevistados, aproximadamente dois em cada três acessam a internet; o ambiente domiciliar é predominante entre os locais de maior uso. O telefone celular supera e muito o computador como o dispositivo mais utilizado no acesso à internet e algo em torno de três em cada dez respondentes que utilizam a internet declaram utilizar somente um dispositivo para tal atividade. O tempo médio de acesso diário, considerando tanto o meio de semana quanto o final de semana, fica um pouco acima das quatro horas e trinta minutos. (BRASIL, 2016, p. 33).

Ainda sobre a Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2016), as figuras seguintes detalham (por amostragem) a utilização de mídia pela população brasileira por faixa etária (Figura 1), por escolaridade (Figura 2), e por ocupação (Figura 3) e por renda familiar (Figura 4). Na Figura 5, apresenta-se a quantidade de utilização de Internet por faixa etária.

Na Figura 1, aponta que a Internet é a principal fonte de consumo de mídia na faixa etária entre 16 e 25 anos, passando a TV. A Internet é suplantada pela TV na faixa etária entre 25 a 54 anos. E, para cima dos 54 anos, a Internet fica atrás da TV e também do rádio. O menor índice de utilização de Internet é dos que estão acima dos 65 anos (3%).

---

<sup>5</sup> Segundo a Pesquisa (BRASIL, 2016), os percentuais dão mais de 100% em função de que se permitia mais de uma resposta à questão. O total de entrevistados foi de 15.050 pessoas.

FIGURA 1 – UTILIZAÇÃO DE MÍDIA, POR FAIXA ETÁRIA

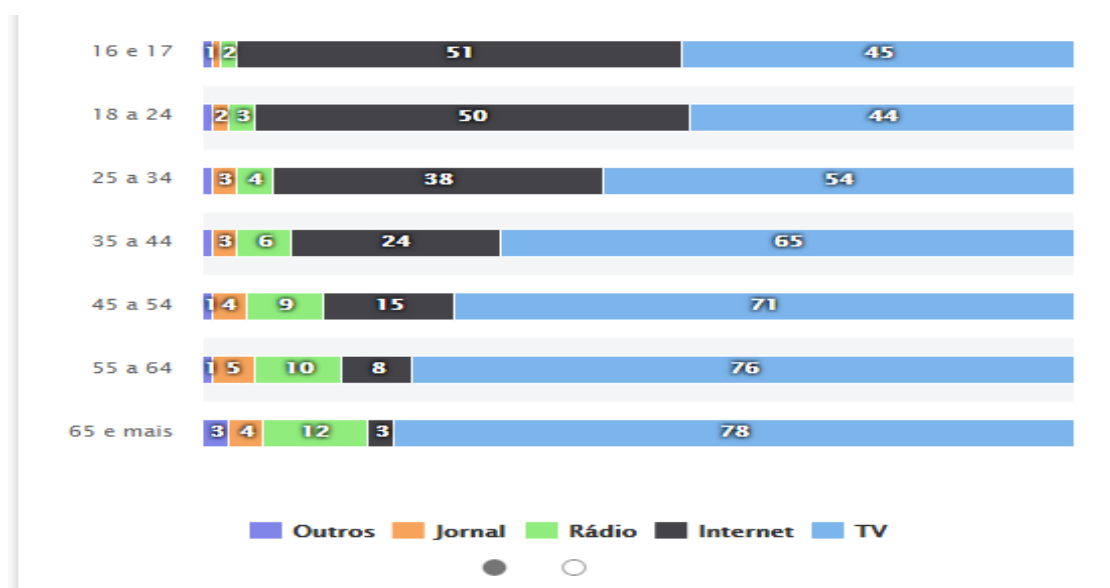


Figura 1 - Utilização de Mídia, por faixa etária.

Fonte: <http://www.pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>

Quanto à escolaridade, a Figura 2 apresenta que a TV é a principal fonte de consumo de mídia das faixas com menor escolaridade, desde os analfabetos até o grupo com Ensino Médio concluído. A Internet passa a ser a principal fonte de consumo de mídia para os grupos que têm ensino superior incompleto (54%) ou concluído (49%), ficando a TV em segundo lugar. Porém, chama a atenção o comportamento do uso da Internet como fonte de informação parece ser mais sensível à escolaridade: desde o último lugar entre as pessoas analfabetas (1%), avança de 8 a 23 % para os grupos que não terminaram ou concluíram somente o Ensino Fundamental, ficando entre 35 a 36% para os grupos que não concluíram ou finalizaram o Ensino Médio. Para os grupos do Ensino Superior, inconcluso ou concluído, como já mencionado, a faixa fica entre 49 e 54% de utilização da Internet como fonte de consumo de mídia.



FIGURA 2 – UTILIZAÇÃO DE MÍDIA, POR ESCOLARIDADE

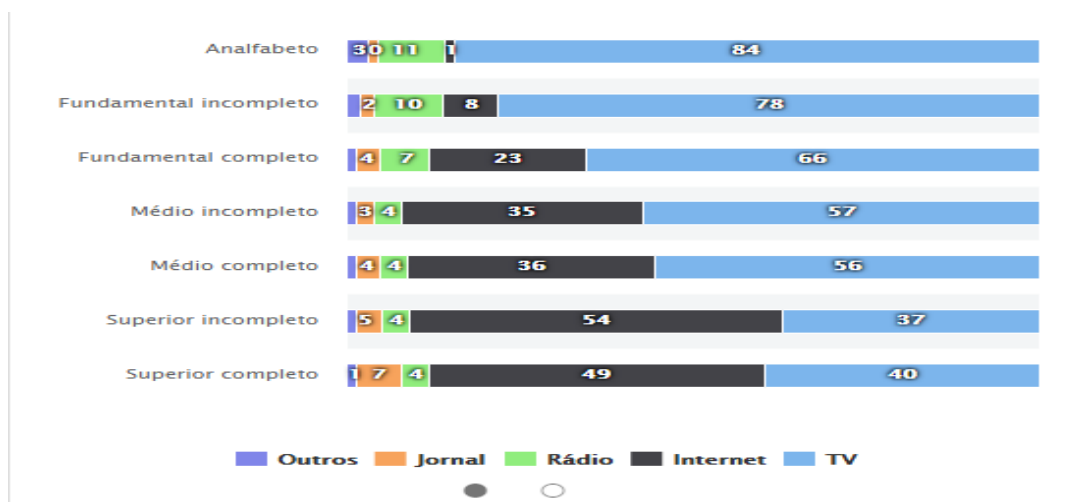


Figura 2 - Utilização de Mídia, por escolaridade

Fonte: <http://www.pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>

Segmentado por ocupação, observa-se na Figura 3 que o maior percentual de usuários da Internet é composto de estudantes que não trabalham (56%), sendo o único caso em que a Internet suplanta a TV como fonte de consumo de mídia. No restante dos grupos, ela fica em segundo ou terceiro lugar. Seguido de empregadores (39%) e empregados com carteira assinada (35%) e sem carteira assinada (31%). Os menores percentuais são das donas de casa (15%) e de aposentados e pensionistas (5%). Neste último grupo, o de aposentados e pensionistas, é o único grupo em que a Internet é suplantada, além da TV, pelo rádio.

FIGURA 3 – UTILIZAÇÃO DE MÍDIA, POR OCUPAÇÃO

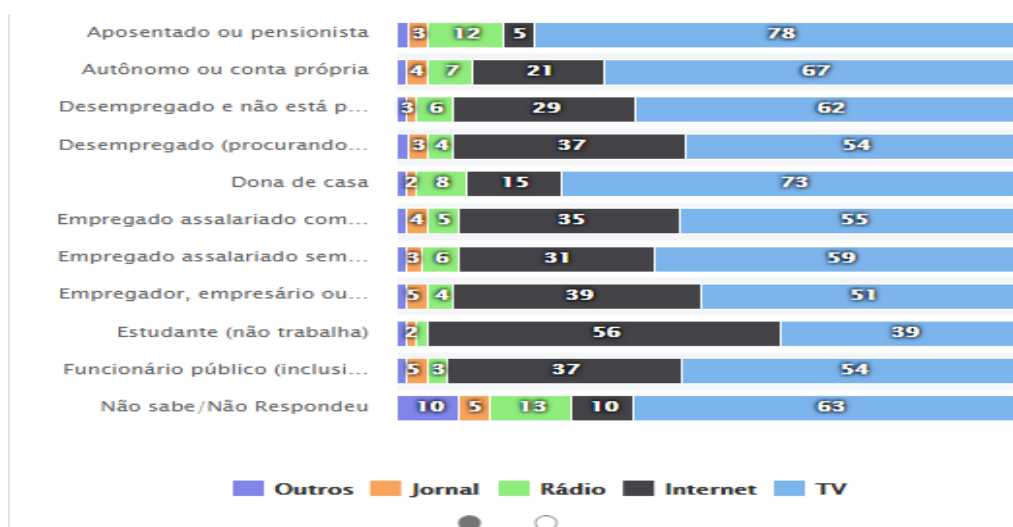


Figura 3 - Utilização de Mídia, por ocupação

Fonte: <http://www.pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>

Em uma nova segmentação, agora por renda familiar, a Figura 4 aponta que a utilização da Internet é segundo lugar, superior ao rádio e somente perdendo para a TV como fonte de consumo de mídia desde a faixa de renda familiar mais baixa da pesquisa (até R\$ 880,00). A partir daí, conforme varia a renda, maior a importância da Internet no consumo de mídia. Varia de 22 a 43% nas faixas de renda familiar entre R\$ 880,00 e R\$ 8.800,00, mas ainda em segundo lugar, atrás da TV. Nas faixas superiores à R\$8.800,00 de renda familiar, a Internet suplanta a TV e é a principal forma de consumo de mídia.

FIGURA 4 – UTILIZAÇÃO DE MÍDIA, POR RENDA FAMILIAR

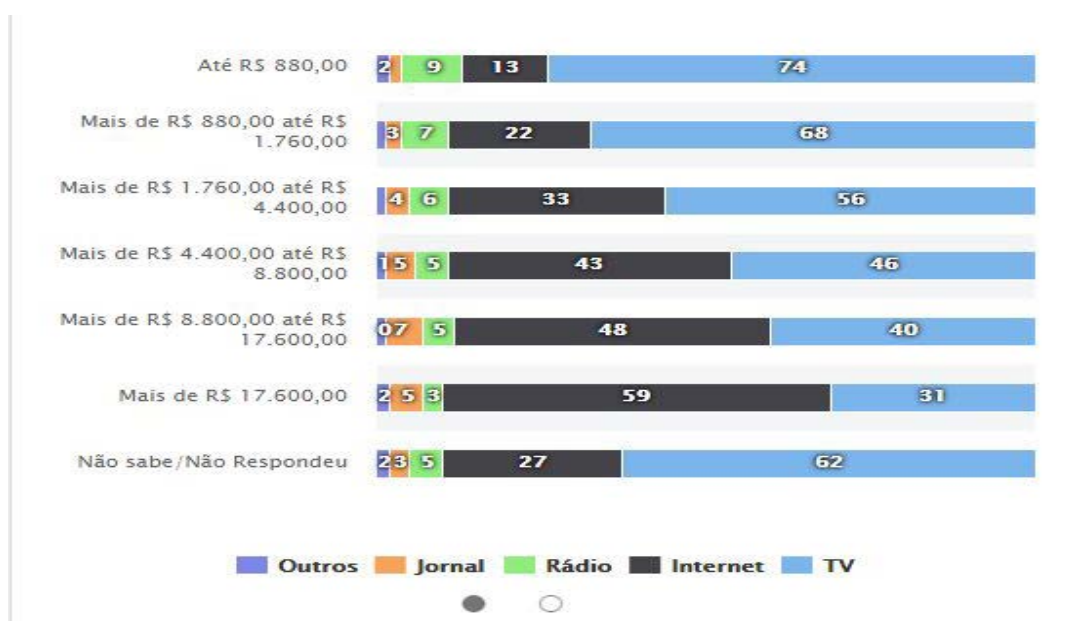


Figura 4 - Utilização de Mídia, por renda familiar.

Fonte: <http://www.pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>

Ao se segmentar somente a utilização de Internet, em dias na semana, por faixa etária, a questão geracional ressurge fortemente. Mais da metade dos grupos entre 16 a 44 anos passam conectados todos os dias (81% entre 16 e 17 anos; 78%, 18 a 24 anos; 68%; 25 a 34 e 53%, entre 35 e 44 anos). Esta conexão constante pode estar relacionada a outro apontamento da pesquisa com o uso de celulares, sobretudo os *smartphones*, principal forma de conexão do povo brasileiro à Internet.

FIGURA 5 – UTILIZAÇÃO DE INTERNET, EM DIAS DA SEMANA, POR FAIXA ETÁRIA

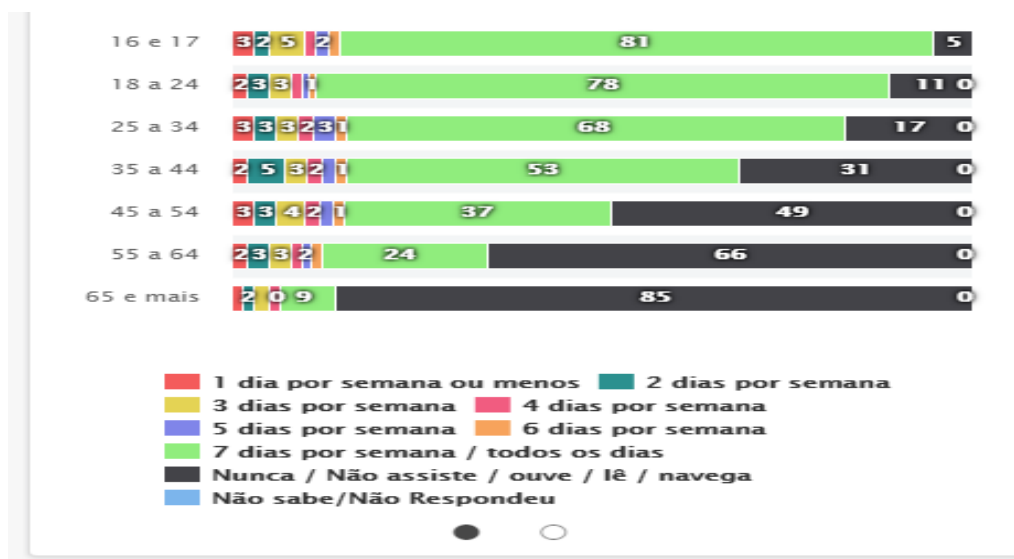


Figura 5 - Uso da internet, por dia na semana, por faixa etária

Fonte: <http://www.pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>

A partir destes dados, pode-se sintetizar que o uso da Internet no Brasil é mais sensível à faixa etária e à escolaridade, sendo os mais jovens e os mais escolarizados com maior tempo de acesso e que utilizam

Todas essas dinâmicas sociais pelo aprendizado e usos das TICs trazem consigo uma reflexão sobre o entendimento de inclusão digital e social. Quais seus contornos na sociedade brasileira? De que forma ela (não) estaria acontecendo? E como a Educação e a escola poderiam contribuir neste processo, sobretudo a jovens e adultas que não fazem contato sistemático das tecnologias?

Assim, ao refletir a respeito do termo “inclusão” penso que ela designa uma palavra de sentido amplo, utilizado em contextos diversos, que faz referência a demandas sociais variadas (PACIEVITCH, 2012). Contudo, ela representa a inserção social dos sujeitos que vivenciaram algum tipo de exclusão<sup>6</sup>, relacionada à condição socioeconômica, na escola, mercado de

<sup>6</sup> Para Faleiros, a exclusão é definida, neste contexto, como negação da cidadania, da garantia e efetividade de direitos civis, políticos e sociais, ambientais e da equidade de gênero, raça, etnia e território. A exclusão é um processo dialético e histórico, decorrente da exploração e da dominação, com vantagens para uns e desvantagens para outros, estruturante da vida das pessoas e coletividades, [...] (FALEIROS, 2006).

trabalho e/ou qualquer outro espaço social, por gênero ou raça/etnia, por não possuir domínio de tecnologia ou por possuir algum tipo de deficiência.

A chamada inclusão digital não se resume em garantir a todos os indivíduos acesso às TICs, principalmente os de baixa renda, assim, que todos possam ter acesso a informações, facilitando sua própria vida fazendo uso da tecnologia. Por isso, é mais do que o mero acesso, é potencializar formas de interação e aprendizagens dela decorrentes. Nesse sentido, Cabral Filho (2006) faz uma boa conceituação da inclusão digital, relacionando-a à alfabetização digital:

[...] iniciativas de inclusão digital são aquelas que visam oferecer à sociedade “os conhecimentos necessários para utilizar com um mínimo de proficiência os recursos de informática e de telecomunicações existentes e dispor de acesso físico regular a esses recursos”. A inclusão digital se assemelha, portanto, à idéia de alfabetização digital, numa equivalência com a perspectiva da alfabetização no processo de inclusão social, voltando o foco para aqueles que também se encontram no próprio contexto de exclusão social, acrescentando a temática da tecnologia digital no sentido de somar esforços para atenuar essa diferença. (CABRAL FILHO, 2006. p.110).

Neste espírito, Warschauer (2006) aponta que, além do acesso, os sujeitos precisam ser ambientados às tecnologias digitais e formados para a sua utilização. Isso aconteceria através um mediador (em muitos casos, o professor), que deveria estar qualificado para isso, promovendo a aquisição de saberes e conhecimentos através das experiências de seus estudantes com as TICs.

Warschauer (2006), a partir de seus estudos, delimita quatro dimensões para a inclusão digital: recursos físicos (infraestrutura, computadores, *hardwares*, etc.); recursos digitais (softwares e aplicativos); recursos humanos (formação de professores e equipes técnicas) e as relações sociais, no ciberespaço e a Internet como produtoras do conjunto de bens coletivos, e a importância do comprometimento da sociedade nos projetos de inclusão digital.

Os apontamentos de Warschauer (2006) contribuem para o aprimoramento de processos educativos que preconizam a utilização de TICs

numa perspectiva do letramento que inclui os saberes desenvolvidos com a informática.

De certa maneira, a discussão travada por Warschauer encontra ressonância no conceito de letramento, descrito, no contexto brasileiro, por autoras como Soares (2002) e Kleiman (2008)<sup>7</sup>. Nesse contexto, o letramento é entendido como estratégias que possibilitem ao sujeito acessar e se apropriar da informação (seja pela escrita impressa ou eletrônica) no cotidiano. Warschauer aponta haver similaridades entre o processo de letramento e relativo ao uso das TICs:

“[...] pois o letramento, como o acesso às TIC, inclui uma combinação de equipamentos, conteúdo, habilidades, entendimento e apoio social, a fim de que o usuário possa envolver-se em práticas sociais significativas” (WARSCHAUER, 2006, p. 64).

Neste contexto, Saviani (1991) salienta o computador pode ser utilizado para desenvolver competências nos sujeitos ou intensificar os conteúdos a serem trabalhados, englobando uma coleção de tarefas bem diferenciadas, em períodos específicos no processo de ensino/aprendizagem. Desta forma, para o autor:

O professor tem que estar capacitado para atuar nestes momentos, e também ter condições de pensá-los no contexto geral do seu trabalho. A educação hoje, já não pode mais manter-se somente como acadêmica ou profissionalizante, por isso necessitamos de professores que conheçam o sistema produtivo e principalmente as inovações tecnológicas. (SAVIANI, 1991, p. 18).

Do ponto de vista governamental, a propósito de fazer a citada inclusão digital no país, tomando como um direito proporcionado ao estudante e direcionado à capacitação de profissionais/educadores e corpo técnico responsável direto pela inclusão digital no âmbito educacional o MEC criou

---

<sup>7</sup>Angela B. Kleiman, considera o letramento como uma prática de leitura e escrita. No entanto, a autora afirma que essa prática não envolve necessariamente as atividades específicas de ler ou escrever. “ Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. (KLEIMAN, 2008, p.19) ”. Trata-se de um conceito amplo e complexo, Magda Soares diz que o letramento vai além do ato de ler e escrever, e as “[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição”. (SOARES, 2009, p. 65)

alguns programas de inclusão digital, como o PROINFO Integrado<sup>8</sup>, GESAC<sup>9</sup> e o Programa Computador Portátil para Professores.<sup>10</sup> Porém, essas iniciativas são programas de governo e não políticas públicas. Portanto, bem mais sensíveis a governos e suas compreensões, tornando tais programas potencialmente intermitentes e fragmentários. Alguns destes, inclusive, são eram do conhecimento do setor responsável pela gestão e formação em tecnologia educacional da escola em estudo – Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) –, conforme as entrevistas realizadas neste estudo.

Outro aspecto a ser considerados é que o acesso dos professores a esses programas não se dá de maneira sistemática: as formações envolvendo tecnologias educacionais, no âmbito da rede estadual de educação, se dão na forma de cursos promovidos pelo NTE, aos quais os docentes da rede participam por adesão. Aqui temos dois complicadores: 1) a informação quanto às formações nem sempre chegam aos docentes; 2) quando chegam, a liberação de carga horária necessária para realizar a formação nem sempre é feita pelas escolas.

Neste contexto em que, de um lado, há sobreposição de ações governamentais para (a formação docente) para o uso das tecnologias na

---

<sup>8</sup> O **Proinfo Integrado** (Programa Nacional de Formação Continuada de Tecnologia Educacional). É um programa de formação voltado para o uso didático-pedagógico das tecnologias da informação e comunicação – TIC – no cotidiano escolar, articulado à distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas e à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais oferecidos pelo Portal do Professor, pela TV Escola e DVD Escola, pelo Domínio Público e pelo Banco Internacional de Objetos Educacionais (Portal MEC, 2011). O programa foi criado pela Portaria no 522/MEC, de 9 de abril de 1997, para promover o uso pedagógico das TICs na rede pública de ensino fundamental e médio. Segundo informação do NTE da 1ª CRE do estado do Rio Grande do Sul, o programa vigorou de 1997 a 2015 retornando em 2017.

<sup>9</sup> O **GESAC** (Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão), é um programa do Governo Federal, coordenado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações - MCTIC, [...] oferece ferramentas em tecnologias para a informação e comunicação (TICs), recursos digitais e capacitação por meio de uma plataforma de rede, serviços e aplicações, com o objetivo de promover a inclusão digital em todo o território brasileiro. Criado em março de 2002. (Inclusão Digital, 2011). “Criado em 13 de março de 2002, o Projeto de Inclusão Digital, tem sua imagem consolidada no portal [www.idbrasil.gov.br](http://www.idbrasil.gov.br)(Brasília, 2007. p.05).”

<sup>10</sup> O **Programa Computador Portátil para Professores** O projeto Computador Portátil para Professores é resultado da articulação entre a Presidência da República, ministérios da Educação, da Ciência e Tecnologia, e da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, com o setor privado. O programa dá sequência ao projeto Cidadão Conectado – Computador para Todos, parte integrante das demais iniciativas de qualificação da educação brasileira[ ver. Referencias nº 12]. O programa foi lançado pelo Decreto 6.504, no dia 4 de agosto de 2008 e é parte integrante da política de informatização das escolas brasileiras. (BRASIL, 2008).

educação, e, de outro, a dificuldade de se realizar uma formação de professores para este fim, refletir sobre a inclusão digital na educação traz desafios, que vão desde a gestão até os efeitos nos processos educativos de ensino e aprendizagem. Vasco (2008) diz sobre a própria natureza dos ambientes digitais:

“O desafio se traduz em aceitar que esses ambientes são compostos de um modo próprio de apresentação e representação do conhecimento, congregando diversos aportes tecnológicos como o informático, o audiovisual e o textual e, com base nisso, propor modos de aplicação que respondam às questões e necessidades pedagógicas da escola”. (VASCO, 2008, p.13).

Neste sentido, cabe à educação repensar seus projetos pedagógicos, adaptando-os às demandas de uma sociedade global em constante avanço tecnológico. Neste sentido, o acesso às tecnologias digitais está sendo cada vez mais necessário em nossas escolas, já que as tecnologias têm se tornado ferramentas de grande importância para a geração de indicadores de desenvolvimento econômico e inclusão social no país. Porém, inclusão digital não significa o simples acesso ao computador ou à internet. Teixeira (2005) comenta que o conceito deve ser redimensionado:

“Numa perspectiva que considere processos de interação, de construção de identidade, de ampliação da cultura e de valorização da diversidade, para, a partir de uma postura de criação de conteúdos próprios e de exercício da cidadania, possibilitar a quebra do ciclo de produção, consumo e dependência tecnocultural”. (Teixeira, 2005, p. 30).

Assim, uma prática pedagógica comprometida com a inclusão digital, além de prover o acesso, deveria se pautar pela proposição de atividades que considerem os recursos das novas tecnologias como construtora de autonomia e protagonismo. Esse comprometimento com a inclusão digital se faz ainda mais necessário na escola de EJA se considerarmos as demandas do mundo informatizado que vivemos hoje, pessoas jovens e adultas não podem deixar de ter o contato com a informatização, e entre outras experiências de aprendizagem.

Porém, para além da mera instrumentalização dos conhecimentos em informática para estudantes da EJA, pauta-se aqui uma relação entre educação e tecnologia em que essa seja um componente para a construção de uma inserção com qualidade no mundo digitalizado, auxiliando percursos de estudos e aprendizagens, de profissionalização, de expressão e de configurações da subjetividade. Neste contexto, a inclusão digital na EJA deveria ter como finalidade a proposição de experiências destes estudantes com a cultura digital como elementos fundamentais para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea.<sup>11</sup>

Assim, o uso das novas tecnologias e suas inovações, de acordo com a realidade do aprendiz deveria habilitar o prosseguimento dos estudos em caráter regular destes estudantes propiciando aos mesmos uma aprendizagem efetiva através de sua experiência, no sentido que aponta Larrosa (1994):

‘É a própria experiência de si que constrói historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado [...] e esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas’. (LARROSA, 1994. P. 43).

Moran (2012) complementa que:

[...]a educação fundamental é feita pela vida, pela reelaboração mental-emocional das experiências pessoais, pela forma de viver, pelas atitudes básicas da vida e de nós mesmos’. Assim, o uso das TIC na escola auxilia na promoção social da cultura, das normas e tradições do grupo, ao mesmo tempo, é desenvolvido um processo pessoal que envolve estilo, aptidão, motivação. A exploração das imagens, sons e movimentos simultâneos ensejam aos alunos e professores oportunidades de interação e produção de saberes. (MORAN 2012, p.13).

Mas como pensar essa articulação entre aprendizagem e experiência, num contexto que tradicionalmente essas dimensões estão apartadas (com a

---

<sup>11</sup> Essa discussão que busca articular práticas pedagógicas permeadas pelas tecnologias e experiências dos sujeitos aproxima, de certa maneira, das discussões sobre as sabedorias digitais. Philippsen (2014), traz os apontamentos de Marc Prensky sobre “migrantes” e “nativos” digitais. Para a autora, Prensky estabelecia que “migrantes digitais”, aqueles que nasceram antes da popularização dos computadores pessoais, por volta da década de 1980. Esses viveriam, hoje, “correndo atrás” do uso tecnologias digitais; já os “nativos digitais”, seriam os que nasceram já no contexto da popularização dos computadores e outras tecnologias digitais, tendo assim, mais facilidade em lidar com esses equipamentos. O próprio Prensky relê esse modelo, ao propor uma sabedoria digital. Para Philippsen (2014), a sabedoria digital se sobrepõe aos termos nativo e migrante digital, pois remete aos saberes constituídos que cada um, seja “migrante” ou “nativo” digital elabora na interação com as tecnologias em um dado contexto, enfatizando seu uso para o aprimoramento de suas capacidades.



dissociação entre “conhecimentos de vida” e “conhecimentos da escola”, (por exemplo)?<sup>12</sup> Assim, ao pensar nas práticas pedagógicas na EJA, é de considerar que, se mesmo na sala de aula as práticas pedagógicas já não respondem às demandas da população jovem e adulta, o que dizer de uma prática pedagógica na EJA ainda mais específica, que se realiza no espaço do laboratório de informática?

## 2.3 Trabalhos Correlatos

Para verificar outras iniciativas de investigação similares a deste trabalho, realizou-se um levantamento sobre estudos/pesquisa que tenham tematizado as TICs na EJA. Embora o número de estudos pudesse ser maior, existe já uma produção que pode ser citada. Esta produção tematiza, sobretudo, a formação de professores e questões metodológicas dos processos de ensino e aprendizagem.

Relaciona-se, no quadro que segue, um quadro síntese do levantamento destes estudos. Integram este levantamento TCCs e monografias que foram encontradas no site do LUME UFRGS, artigos constantes do Scielo e de outras revistas de caráter acadêmico. Os trabalhos foram listados em ordem cronológica.

---

<sup>12</sup> Em Oliveira (2007, p. 90), há uma anedota que explicita bem esta questão: “Outra história interessante, que mostra a dificuldade de comunicação entre as populações que procuram os cursos de EJA e a linguagem especificamente escolar, foi ouvida por uma amiga em um ponto de ônibus no Rio de Janeiro. Duas senhoras conversavam sobre as dificuldades que enfrentavam com a escola. No diálogo entre as duas, minha amiga ouviu: ‘Eu agora já entendi. ‘Problema’ é aquilo que a gente tenta resolver na escola e ‘pobrema’ são as coisas que a gente tem que resolver na vida da gente. Entendeu? ”.

### Quadro 1 - Trabalhos correlatos

Título	Autor (a), local, tipo e data	Objetivo
Inclusão Social na Sociedade da Informação e da Comunicação: desafios e possibilidades em EJA	Lúcia Barros de Souza Monografia UFRGS-2007	Problematizar a função social da escola na Sociedade da Informação e do conhecimento.
Acesso ao Computador e a Internet Por Uma Turma de Alunos Adultos em Processo de Alfabetização e em Situação de Vulnerabilidade Social	Eliane Catarina de Souza  Monografia (Especialização)  UFRGS-2010	Analisar a possibilidade de estabelecer a inclusão digital numa realidade de exclusão social e verificar os principais motivos desta exclusão, e a partir daí analisar a relação entre exclusão social e digital. (Importância das tecnologias como o computador e a internet na educação).
O uso das tecnologias da informação e da comunicação na alfabetização de jovens e adultos	Eliane Teresinha Bernardes  TCC (Grad. Pedagogia)  UFRGS-2011	Objetivo foi investigar sobre a tecnologia da informática como um recurso facilitador na aquisição de aprendizagens para os educandos alfabetizando.
Um novo olhar de educação de jovens e adultos sob o enfoque das tecnologias de informação e comunicação	Iara Maria Konrad de Souza Monografia (Especialização)  UFRGS-2012	A partir da ampliação das TICs no contexto escolar possibilitar um novo olhar para a aprendizagem dos alunos da EJA. Contribuindo assim com, para um melhor entendimento entre professores e alunos nas atividades escolares.
Tecnologias da informação e comunicação na educação de jovens e adultos: desafios e possibilidades	Simônia Marques Nonato Monografia (Especialização)  UnB- 2014	Investigar e refletir sobre os desafios e vantagens da utilização das TIC no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

A modalidade da EJA em tempos de cultura digital: entrecruzando histórias e possibilidades de ensinar e aprender	Luisa de Baumont Philippsen  TCC (Pedagogia)  UFRGS-2014	Este trabalho objetiva revelar o uso ou o não uso de dispositivos móveis nas salas de aula como outro possível recurso pedagógico, bem como os programas e leis de fomento a essas tecnologias em âmbito nacional, estadual e municipal.
O uso das Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos: Inclusão digital e Alfabetização Midiática.	Renata Andrade Da Silva Yukielle Ferreira Yabuta  TCC (Pedagogia)  UFPB- 2015	Objetivo investigar a presença e uso pedagógico das tecnologias digitais das turmas da Educação de Jovens e Adultos da rede pública municipal de João Pessoa-PB.
O uso de Novas Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos	Maria Elzilene Silva Dos Santos  Artigo (Pedagogia)  2016- UFRN	(...) objetivo discutir o uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) em turmas de Educação aos Jovens e Adultos (EJA), considerando os recursos disponíveis na escola.

Fonte: elaboração da autora.

O levantamento acima contribui para mapear e discutir produção acadêmica nessa área específica, das articulações entre as TICs e a EJA, evidenciando a caminhada que ainda segue na construção, com amplas possibilidades de ensejar novas explorações investigativas.

Os trabalhos acima mencionados, em que pesem suas diferentes abordagens, convergem para a importância da formação dos professores, considerada de suma importância para a aprendizagem dos estudantes da EJA, revendo a prática pedagógica e estruturação dos ambientes de aprendizagem de qualidade a favor da inclusão social /digital. Tais estudos leituras contribuirão para se refletir, neste trabalho, acerca do uso e desuso do laboratório de informática na EJA e de como pensar estratégias para que pessoas jovens e adultas, estudantes desta modalidade, tenham ainda mais qualificada sua inserção na cultura escrita e digitalizada.

Retomando-se a questão de pesquisa: *Quais os limites e desafios encontrados no processo do uso das TICs na EJA, no primeiro segmento do ensino fundamental, do ponto de vista dos estudantes, docentes, integrantes da equipe diretiva e responsáveis pela formação técnica e pedagógica de uma escola da rede estadual do município de Porto Alegre?* Para tanto, entrevistou-se discentes, quadro docente e setor da Secretaria de Educação responsável pela formação docente nas TICs. Perguntou-se pelo uso dos laboratórios de informática neste contexto específico. Aos entrevistados indagou-se também quais os pontos positivos e limites da experiência até o momento. Por fim, tendo em vista esse panorama, levantaram-se sugestões sobre o que poderia melhorar neste ambiente.

Para apresentar e analisar os achados da pesquisa e sua organização, um detalhamento do desenho metodológico de pesquisa encontra-se no próximo capítulo.

## **3 METODOLOGIA**

Neste capítulo, demita-se natureza, abordagem e procedimentos empregados neste processo de pesquisa, apresentando o contexto das experiências e caracterizando os sujeitos participantes.

### **3.1 Tipo de estudo**

O presente estudo tem um caráter eminentemente qualitativo e se configura como um estudo de caso. YIN (2005), sobre a natureza do estudo de caso, afirma que: “[...] em geral o estudo de caso representa a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo (como), e (por que), quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos [...]” (Yin, 2005, p. 19). Tendo em vista

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Na compreensão de Marconi e Lakatos:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversa de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI E LAKATOS, 1996 p.84).

Com base nas declarações dos entrevistados, o pesquisador poderá estudar, compreendendo e estabelecendo nuances do fenômeno investigado, corroborando ou não suas hipóteses iniciais sobre ele.

### 3.2 Contexto da experiência e os sujeitos de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola públicas estadual que atende a modalidade EJA. A escola integra da 1ª CRE da SEDUC/RS. Localiza-se no município de Porto Alegre. Para a coleta de dados pertinentes a pesquisa, as entrevistas foram realizadas com estudante, professores, equipe diretiva e NTE<sup>13</sup> (Núcleo de Tecnologia Educacional).

Todos os entrevistados, por questões éticas, tiveram seus nomes preservados. No entanto, cada entrevistado/a recebeu um codinome para preservar seu anonimato. A escolha do nome fictício se deu a partir do seguinte critério: cada um dos indivíduos trocou seu nome por uma designação referente ao contexto da pesquisa. Assim surgiram os seguintes protagonista deste trabalho: **Bit**, **Gigabit**, **Nobreak**, **Pendrive** e **Plug-in**. Na tabela abaixo será apresentado uma breve descrição de cada um dos sujeitos que se disponibilizaram a contribuir com esta investigação.

**Quadro 2 – Caracterização dos participantes de pesquisa**

CODI-NOMES	PAPEL/PROFISSÃO	ESCOLARIDADE-Formação	Observações
<b>Bit</b>	Docente EJA	Professora Alfabetizadora da EJA T2	26 anos 11 nas séries iniciais do fundamental e 15 anos na EJA
<b>Gigabit</b>	Docente Vice-diretora da escola	Professora- ensino fundamental, médio e EJA. Gestora de escola	33 anos em sala de aula e 5 de Vice-diretora
<b>Pen-drive</b>	Docente EJA	Professora da EJA - séries finais (T3,T4,T5 e T6)	5 anos na EJA
<b>Plug-in</b>	Docente NTE 1ª CRE	Integrantes da coordenação do NTE	25 anos em series iniciais e 4 no laboratório de informática de uma das escolas que lecionou
<b>Nobreak</b>	Diarista	Estudante da EJA (T2)	Idade: 40 anos A 1 ano e meio ano tenta terminar o ensino fundamental na EJA

<sup>13</sup> Portal Educacional RS -O Que é NTE-Núcleo de Tecnologia Educacional? NTEs são ambientes computacionais com equipe interdisciplinar de Professores Multiplicadores e técnicos qualificados, para dar formação contínua aos professores e assessorar escolas da rede pública estadual no uso pedagógico.

### **3.3 Contextualização da escola**

A escola está localizada no Bairro Santana em Porto Alegre. Está inserida em uma região urbana, em um contexto socioeconômico de classe média alta. Tem em seu entorno, além de muitos prédios residenciais, casas comerciais, redes de saúde e prestadores de serviços e fica próxima ao Campus da saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Atende, principalmente, a alunos de famílias de classe popular, filhos dos trabalhadores de outras regiões e moradores de vila popular próxima a Vila Planetário. A equipe diretiva é composta pelo diretor, duas vices diretoras, três supervisoras educacionais, uma orientadora educacional.

A escola é gerida com recursos públicos, sendo sua mantenedora a SEDUC/RS. A escola funciona à tarde das 13h30min. às 17h45min. e à noite das 17h45min. às 22h45min. de segunda a sexta-feira. A escola possui 27 professores, 267 alunos nos dois turnos, 04 funcionários entre limpeza, cozinha e 01 secretários. A EJA funciona no turno noturno.

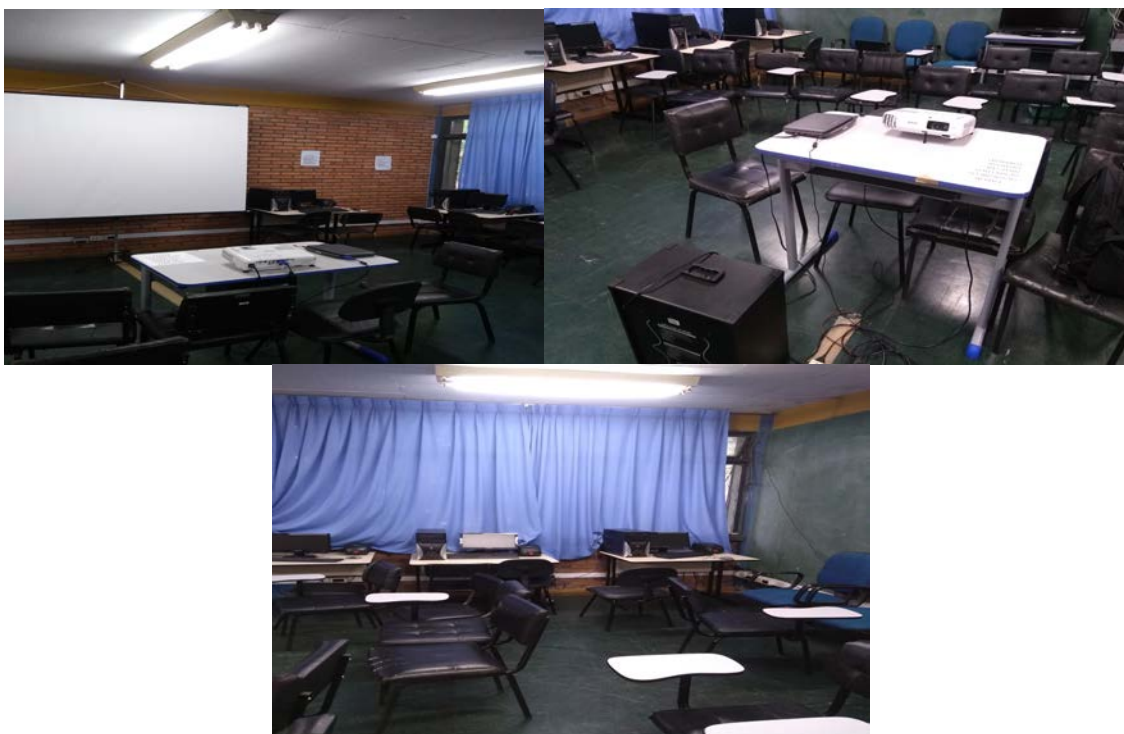
A escola dispõe de uma coordenação e supervisão pedagógica, que cuidam dos assuntos relativos ao andamento das propostas pedagógicas escolares e o seu cumprimento. Não foi possível, no momento das entrevistas, ter acesso ao PPP da escola, não sendo possível verificar a existência, no documento, dos aspectos referentes à EJA ou ao laboratório de informática.

Os espaços externos são suficientemente amplos e arejados, com boa iluminação, as salas de aula são adequadamente estruturadas conforme a faixa etária de cada turma, desde primeiro ano do ensino fundamental até às salas utilizadas pela EJA. Possui quadra de esporte, sala de vídeo/informática, refeitório, banheiros e biblioteca.

### **3.4 Contextualização do laboratório de informática.**

O laboratório de informática localiza-se no segundo andar do prédio da escola, entre a biblioteca e o refeitório. Os equipamentos estão dispostos na

sala em forma de U, para dar espaço para a tela do projetor. Os computadores de mesa não estavam sendo utilizados no período de estágio obrigatório, em 2017/1 os estudantes que porventura utilizam a sala de informática juntamente com seus respectivos educadores faziam uso dos notebooks.



**Figura 6 - Imagens do Laboratório de Informática**

Fonte: (Acervo particular da pesquisadora)

No entanto, em virtude das entrevistas feitas na escola para o TCC, constatou-se que os notebooks já não são utilizados por problemas de mau funcionamento. Assim, os estudantes e educadores voltaram a utilizar os computadores de mesa. O laboratório de escola foco das entrevistas possui 32 notebooks com problemas físicos, 11 computadores desses apenas 07 estão em funcionamento. A parte lógica flui por toda a sala, há um projetor com caixas de som em funcionamento, o sistema operacional utilizado é o LINUX e a internet é disponibilizado apenas no laboratório e partes administrativa: escola, o wifi não é liberado para os alunos fora do laboratório de informátic



## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresentam-se, analisam-se e interpretam-se os dados da pesquisa, recolhidos através das entrevistas realizadas durante o processo de construção deste trabalho (segundo semestre 2017). O contexto da entrevista se deu de forma tranquila, no próprio ambiente de trabalho dos entrevistados, na escola foco e no NTE. Para tanto, teve-se alguns percalços para conseguir os dados necessários à pesquisa, uma vez que, durante boa parte do semestre, a escola encontrou-se em greve. A dificuldade de agendar entrevistas com estudantes e docentes na escola neste momento foi um desafio, e acabou reduzindo o número de entrevistados.

As entrevistas foram realizadas em horários previamente agendados, pós ou anteriores as reuniões de pais, professores, gestão e alunos, para decidir continuar ou não com a paralização. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para análise de conteúdo estando em anexo. As questões da entrevista foram analisadas, a fim de responder ao objetivo desta pesquisa, por categorias: **Sobre uso e frequência, Resistências** quanto ao uso das TICs por consequência do laboratório de informática e da **Importância e o que poderia ser aprimorado**.

### 4.1 Sobre uso e frequência

A partir das perguntas do roteiro de entrevista (documento em anexo), percebe-se que as possibilidades de uso do laboratório de informática na EJA para aprendizagem e acesso a informações ficam apenas para as turmas dos anos finais do ensino fundamental da T3 em diante. Conforme a resposta da equipe diretiva e das professoras:

***Gigabit:** Sim, sim, temos professores que usam com bastante frequência, a professora de língua portuguesa, o de artes também trabalha música, desenhos geométricos. (...) -Eles usam, a até eu diria com uma frequência boa, várias vezes...*

**Pen-drive:** *Utilizo com frequência o laboratório de informática. Os alunos fazem pesquisas, aprendem a usar ferramentas como e-mail, respondem atividades e assistem vídeos.*

**Bit:** *-Já utilizei o laboratório de informática, utilizo quando possível, para praticar alguma atividade né.... Com o computador, como lidar com ele e alguma pesquisa. (...) -Sim, a partir da T3 eles utilizam bem mais o laboratório de informática. ”*

Pelas respostas das professoras Bit e Pen-drive, as atividades no laboratório de informática ficam restritas a fazer pesquisa, usar e-mail, assistir vídeos e usos básicos como ligar a máquina e como lidar com ele. Seu uso não é frequente pelas turmas de alfabetização.

*Bit* menciona que o laboratório é utilizado pelos estudantes da EJA a partir de T3, com mais frequência. Pode-se depreender, pela resposta, que as T1 e T2 não frequentam muito o laboratório de informática. Dentre outras possibilidades, pode-se pensar, a partir das respostas, em uma certa lógica de “prontidão”, como se os estudantes da EJA precisassem se alfabetizar, apropriar-se da leitura e da escrita antes de usar o laboratório de informática.<sup>14</sup>

Warschauer (2006) aponta o contrário, que se faz necessário inserir as pessoas jovens e adultas nesse processo, “[...] o acesso as TIC, inclui uma combinação de equipamento, conteúdo, habilidades, entendimento e apoio social, a fim de que o usuário possa envolver-se em práticas sociais significativas” (WARSCHAUER, 2006. P. 64).

---

<sup>14</sup> A questão da prontidão está ligada desde de há muito ao processo de alfabetização. Segundo Isaac (1980), a prontidão corresponde a uma série de classes de experiências que o sujeito deve ter a fim de ter condições para a aprendizagem, no caso específico, da alfabetização e da prática de leitura. Assim, o sujeito deveria passar por uma série de requisitos para realizar determinada atividade (conhecer todas as letras para escrever um texto, saber escrever corretamente para passar a usar a caneta, entre outros). Assim, quando nos deparamos com realidades em que sujeitos jovens e adultos não são levados ao laboratório de informática porque ainda não aprenderam a ler e a escrever, pode-se pensar que a lógica da “prontidão” se faz presente, não mais com as frases, não mais com a caneta, mas com a interação com o computador: é preciso conhecer as letras para escrever no computador. É preciso saber ler para usufruir do que está escrito nas páginas da Internet, etc.

Desta forma, no atual contexto social tecnológico que vivemos, não basta apenas uma alfabetização letrada, mas estar inserido no mundo das TICs, isto significa ter uma alfabetização digital, que unidas, podem democratizar o conhecimento, pois como afirma Freire (1995):

Acho que o uso de computadores no processo de ensino-aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Depende de quem usa a favor de quê e de quem e para quê (...) Estamos preparando o terceiro milênio, que vai exigir uma distância menor entre o saber dos ricos e o saber dos pobres... (FREIRE, 1995, p.98).

Assim, Freire, ao mesmo tempo, aponta a importância do uso das tecnologias, mas também expressa também seu receio que essa inclusão seja de fachada, atendendo somente aos interesses do poder econômico. Nesta relação ambígua que os educadores podem e devem tirar proveito da inserção das TICs para propor processos educativos que objetivem o pensamento autônomo e crítico.

## 4.2 Resistências

Um elemento que aparece nas falas<sup>15</sup> dos entrevistados foi a questão da formação docente para o uso da tecnologia, sendo um dos limitante do uso do laboratório de informática pelo dos professores.

**Pen-drive:** -Falta de conhecimento técnico do corpo docente e discente,

**Bit:** -Limita acho que, a falta de capacitação dos professores, (...)

**Plug-in:** A questão volta à capacitação do professor, será que ele está capacitado para usar as tecnologias com essa clientela?

<sup>15</sup> Foram suprimidas algumas expressões das falas dos entrevistados (como cacofonias, vícios de linguagem) para dar mais fluidez ao texto. Ver entrevista na íntegra em anexo.

Em seus estudos, (Zílio, 2013) aponta para a necessidade do docente estar buscando se aperfeiçoar, e por conseguinte qualificar sua prática pedagógica para trabalhar com as TICs na EJA ou em qualquer outra modalidade de ensino.

Cabe aos professores buscarem o aprofundamento constante de seus saberes, necessários para sua prática pedagógica. A formação continuada é uma alternativa para minimizar lacunas deixadas pela formação inicial e, principalmente, abre possibilidades para aprofundar os saberes dos professores e promover a articulação entre teoria e prática. (Zílio, 2013. p. 59).

Outros aspectos também podem contribuir para as resistências. Um deles diz respeito a questão geracional do quadro docente. Não somente estudantes adultos mais idosos seriam resistentes a tecnologias, conforme aponta NUNCIATO (2009). Como há professores, também adultos, com mais idade e tempo de profissão, parece haver certa resistência em utilizar as TICs, na perspectiva da integrante da equipe diretiva da escola.

**Gigabit:** -Eu vejo que... não diria uma resistência entende! Desses professores de mais idade para o uso disso!

-E na escola temos poucas condições para ter alguém ajudando, auxiliando a pessoa.

Esse dado encontra ressonância nos trabalhos de Sousa (2012). Um dos fatores que limitam o uso do laboratório de informática identificado na fala da entrevistada é, a idade dos professores para dar conta da metodologia de trabalhar com a EJA e a informática.

Com um grupo de professores experientes, que vivenciaram, e que ainda participam das mudanças que ocorrem nesta última década com a jovialidade dos alunos da EJA, a introdução de tecnologias no cotidiano social e escolar e nas definições do aprender, ainda permanece dificultosas de adaptação à práticas pedagógicas que atendem a essas mudanças. (Souza. 2012. P. 46).

Outro empecilho para o trabalho pedagógico é o sistema operacional LINUX. Na visão dos educadores da EJA, o laboratório ser em LINUX é mais

um limitador, por ser um sistema que não é de uso habitual dos educadores, que tem maior familiaridade com o sistema operacional Windows.

**Pen-drive:** (...) falta de Windows e aplicativos da Microsoft (os aplicativos e sistema operacional baseados em Linux não são tão intuitivos)

**Bit:** -Limita acho que, a falta de capacitação dos professores né, de cursos basicamente, até porque o sistema é o LINUX e uma orientação mais formal do professor passar os dados para os alunos e o modo de trabalhar.

Deste modo, já que estamos em constante transformações tecnológicas o aperfeiçoamento na área digital dos professores se torna imprescindível, o que exige uma reestruturação da prática pedagógica, mas os professores não sabem como fazer uso do sistema operacional que projetado para as escolas, pela falta de formação nesse sentido. Machado et al (2017) demonstraram em seus estudos, que, em um contexto em que o sistema Linux é o empregado em grande parte dos laboratórios, muitos docentes nunca o haviam utilizado:

Diante disso, muitos professores apresentam uma postura defensiva, com receio de adotarem as mídias e as tecnologias em suas aulas. Isso foi detectado na escola em questão, através da aplicação de um questionário que tinha como objetivo descobrir o perfil tecnológico dos professores em relação ao Linux Educacional. (...) além disso, 93% nunca utilizaram nenhum software do Linux, o que mostra o desconhecimento por parte dos professores das ferramentas que o sistema possui. (Machado et al, 2017, p. 118-9).

A falta infraestrutura de manutenção dos laboratórios de informática nas escolas, com equipamentos com mal funcionamento também se torna um limitador do processo de construção do conhecimento nesta área.

**Nobreak:** -Eu acho que teria que ter computadores melhores, ter rede melhor, por que muitas vezes a gente foi para a sala de informática e a rede não estava funcionando, da internet!

**Plu-gin:** -Então, eu sinto. Assim, daí é uma realidade que não se

restringe aos NEEJAS é a estrutura física das escolas, a questão de arquitetura deteriorada em muitas escolas, instalações comprometidas, às vezes não tem espaço adequado! Comprometendo o uso

**Pen-drive:** -Espaços com planejamento físico melhor, mais atualizados

Outro aspecto diz respeito à insegurança da gestão da escola em liberar o uso do laboratório para os professores sem que precise de alguém para acompanhar a turma, para garantir o funcionamento e que “não quebre nada”. Que corrobora com a fala de “*plu-gin*”:

**Plug-in:** “(...) as gestões também não confiam, e não libera para os professores!”

Percebeu-se, nas observações também a resistência dos estudantes em fazer uso do laboratório de informática, pelo simples fato de não se sentirem aptos para acessar e manusear os aparatos tecnológicos presentes nesse espaço.

Constatou-se que isso ocorre inicialmente, com um acompanhamento adequado a insegurança começa aos poucos se diluindo na vasta imensidão de possibilidades que estes estudantes da EJA alfabetização podem encontrar com o uso das TICs, mas que, sem a proposta de uso das tecnologias nesta modalidade de ensino se perpetua a não utilização do laboratório de informática.

Questão que aparece nas falas da estudante entrevistada.

**Nobreak:** Sim, por que tudo fala em computador, tudo fala no tal do whats e isso e aquilo, eu por exemplo não conheço essas coisas, entende!

-E assim como eu tem outras pessoas que tem vergonha de falar que não sabem, gente tímida!

### 4.3 Importância e o que poderia ser aprimorado

Há certa concordância no meio social da importância do uso da TIC nas várias modalidades de ensino educação. No caso em estudo não é diferente, segunda as entrevistadas, docentes da escola ou responsável pela formação em TICs da SEDUC/RS, o uso das TICs, o uso do laboratório de informática é importante e se faz necessário. Mas deve ser um trabalho contínuo, para que os estudante e educadores possam aproveitar todo o potencial desse espaço:

**Bit:** -Acredito que trabalhar na informática é fundamental, porque o mundo agora é todo digitalizado no trabalho para tudo, nas lojas.

-Então, seria muito interessante um trabalho mais assíduo, até pelo conhecimento de mexer no computador, e o quanto ele pode oferecer.

**Plu-gin:** -E depende do tipo de trabalho realizado pelo NEEJA, mas sempre vejo como válido o uso, por que é uma maneira de o aluno interagir no seu próprio conhecimento.

-Então sim, eu penso que é válido sim, seja na modalidade de aulas regulares ou como é no Vicente Scherer, eu penso que é bom, é benéfico, o aluno sempre tira proveito.

**Pen-drive:** -Sim. Melhora a compreensão textual e a escrita, traz atualização de conhecimentos, insere no mundo digital.

Essa apreciação da unanimidade quanto à importância da informática no processo educativo também está presente nos trabalhos acadêmicos estudados para compor esse trabalho. Em um dos estudos citados nesta pesquisa é evidenciado o que acham os professores sobre o uso das TICs na aprendizagem dos estudantes da EJA, mas não se evidencia um uso expressivo dela. Segundo, Souza (2012):

Observa-se que os professores consideram que a tecnologia tem papel importante na aprendizagem dos alunos, mas percebe-se que o mesmo está mais como ferramenta facilitadora do conteúdo ou de auxílio as relações professor/aluno. ”[...] nas reuniões semanais dos professores na escola, observa-se que há planejamento e organização de atividades que envolva seu uso. (Souza. 2012, p.54-55).

Para, além disso, junto ao reconhecimento da importância do uso das TICs na EJA, vem a questão da formação do professor para trabalhar com informática em turmas de EJA, presentes nas falas dos entrevistados a exemplo de:

**Bit:** (...) a falta de capacitação dos professores, de cursos basicamente, (...) uma orientação mais formal do professor passar os dados para os alunos e o modo de trabalhar.

A qualificação da prática pedagógica reflete-se nas respostas da direção, dos educadores dos alunos no que tange a demanda por um gestor, um monitor ou estagiário, para o laboratório de informática, para auxiliar os educadores na organização das aulas de informática.

Existem também divergências quanto a presença de um “estagiário” ou “monitor” do laboratório, enfim, alguém que seja a referência do espaço, dê consta das questões técnicas e auxilie os professores e estudantes em suas atividades. A Diretora (Gigabit), a professores (Pen-drive e Bit) e a discente (Nobreak) afirmam ser necessária a existência desta pessoa para o laboratório de informática:

**Gigabit:** -É o que eu acho, falta uma pessoa para controlar, se tem uma pessoa para abrir o laboratório (...) -Eu acho que falta um suporte mesmos, humano, recursos humanos!

**Pen-drive:** (...)falta de um técnico para o laboratório de informática (...)

**Bit:** -Um monitor que tivesse maior conhecimento para ajudar os professores que queiram trabalhar no laboratório de informática.



-Como não são oferecidos cursos para gente se atualizar, seria interessante

**Nobreak:** -Acredito que não, acredito que a gente aprende quando o professor se dedica de verdade para gente, quando ele gosta daquilo que está fazendo.

-Assim, muita correria, o professor não conseguia se dedicar e muito pouco tempo!

-Teria que ser uma aula... acho só para quilo, daí naquele dia não teria português, nem matemática!

Em contrapartida, a coordenação da NTE afirma que é necessário sim um técnico para o laboratório para fazer a manutenção dos equipamentos, mas não no sentido pedagógico, como sugeriram os entrevistados educadores, equipe diretiva e estudantes.

**Plug-in:** -E para isso, sim eu vejo a necessidade de uma manutenção e talvez algum “responsável pela manutenção” do laboratório, e sim, nesse sentido técnico do processo não no sentido pedagógico!

Além disso, há uma necessidade urgente de manutenção, de reparos no espaço físico dos laboratórios de informática, com equipamentos que funcionem e que se tenha uma atualização de softwares para as turmas de EJA e não somente as séries finais, mas também que as turmas de séries iniciais possam aproveitar esse espaço plenamente contribuindo para construção da cidadania. Favorecendo os estudantes desta modalidade de ensino, como menciona a estudante em entrevista:

**Nobreak:** -Acho também que a sala de informática ficando fechada como está, prejudica, tem muita gente que gostaria de usar né!

-Por que não é justo, ai prejudica todo mundo!

Assim, com o embate travado entre gestão e a direção escolar, o laboratório ou fica fechado ou é subaproveitado, não contribuindo com todo o potencial para a inclusão digital dos estudantes da EJA. Deste modo, os estudantes se sentem impotentes e com um sentimento de perda novamente, como demonstra *Nobreak*:

**Nobreak:** -É assim como eu tem outras pessoas que tem vergonha de dizer que não sabem, gente tímida. E é bem difícil quando as pessoas falam, “*Mas tu não tens face!*”

-Eu não tenho, eu fico de fora da sociedade, fico excluída, é assim que eu me sinto!

Um sentimento de exclusão que veio à tona como esse desabafo, é um pedido de ajuda deste estudante da EJA num momento crítico da educação brasileira. Assim como diz Paulo Freire no livro *Educar com Mídias: Novos Diálogos sobre a Educação* (2011), Receia-se que a introdução dos computadores no meio educacional contemple aquelas pessoas que podem e segregar outros menos favorecidos em decorrência do “poder no poder”. A questão é política e os educadores podem fazer proveito disso para enfatizar essa questão, mostrando aos alunos que eles podem aprender com a TIC.

Nessa pesquisa apontou que a apropriação das TIC é fundamental para fortalecer os processos de inclusão social/digital e a alfabetização/letramento. Desta forma, a tecnologia traz o debate atual a respeito da inclusão social e exclusão digital. Segundo Mark Warschauer (2006), em tempos de internet, questões dessa natureza faz parte da contemporaneidade, caracterizando a economia, a sociedade e a tecnologia como campo instável da nova ordem. Essa evidência gera a necessidade de recursos no combate à exclusão digital/social por meios de: recursos físicos (computadores e conectividade); recursos digitais (conteúdo e linguagem), recursos humanos (letramento e educação) e ainda os recursos sociais (comunidades e instituições).

Deste modo Warschauer, diz que é preciso uma,

(...) mudança de foco da exclusão digital para a inclusão digital baseia-se em três premissas: 1) a nova economia e a nova sociedade de rede emergiram; 2) a TIC desempenha um papel decisivo em todos os aspectos dessa <sup>16</sup>nova economia e nova sociedade; 3) o acesso à TIC, definido de modo amplo, pode ajudar a determinar a diferença entre marginalização e inclusão nessa nova era socioeconômica. (WARSCHAUER, 2006, p.31).

Nessa perspectiva, uma nova sociedade em rede é onde a tecnologia impera favorecendo as relações sociais, culturais e econômicas, reconhecida pela possibilidade de se obter qualquer informação, em qualquer tempo, em qualquer lugar, em que o conhecimento é fundamental e deve ser compartilhado com todos.<sup>17</sup> Assim como, coloca Pacheco (2007).

Assim sendo, a inclusão digital caminha junto a inclusão social e sua efetivação acontecerá se houver o envolvimento do governo, das empresas e da sociedade como um todo. É importante compreendermos que, como já foi dito anteriormente, não é a mera aquisição de equipamentos que vai fazer com que ocorra a inclusão digital, mas sim, o planejamento e implantação de ações e práticas que levem a minimizar a exclusão digital no país. Isso pode acontecer se os projetos nesta área visarem não somente o fornecimento de hardware e software, mas, também proporcionando acesso significativo às tecnologias e aos sistemas sociais.

---

<sup>16</sup> Nova economia é uma expressão criada na década de 80 e final de 90, para explicar, o resultado da passagem de uma economia baseada na indústria para uma economia baseada nos serviços, no uso das redes de informação. NASCIMENTO (2000) propõe, um outro conceito acrescentando outros conteúdos para Nova Economia, “sendo um sistema socioeconômico que resulta do estágio evolutivo alcançado pelas tecnologias telemáticas, as quais, potenciando significativamente os meios de comunicação e distribuição de intangíveis e a interação entre os agentes econômicos, determinam inovações dramáticas nas principais dimensões da vida humana e das organizações. Neste sentido, a Nova Economia é um novo paradigma socioeconômico[...]”.

<sup>17</sup> Sobre as relações entre tecnologias e sociedade, PACHECO (2007) aponta que: a sociedade em rede é uma categoria de análise criada para explicar as transformações do mundo contemporâneo evidenciadas ao longo de uma década de pesquisa empírica, efetuada nas principais sociedades do planeta. [...] A Sociedade em rede é a forma de organização que está na base da estrutura social, econômica e cultural que emerge no final do século XX: as redes de intercâmbio. Sua origem está na interseção de três processos históricos independentes: a revolução da tecnologia da informação; a crise econômica do capitalismo e do estatismo, a consequente reestruturação de ambos; e o apogeu de movimentos sociais e culturais, tais como o libertarismo, os direitos humanos, o feminismo e o ambientalismo [...] A nova economia global conseguiu abranger o planeta inteiro e afetar todos os povos e territórios com seu funcionamento, porém, nem todo lugar, ou toda pessoa, está incluído diretamente. Boa parte dos povos e territórios são excluídos, desconectados, como produtores, ou consumidores, ou ambos. A flexibilidade da economia global permite ao sistema conectar tudo que é valioso de acordo com os valores e interesses dominantes, e desconectar tudo que não é valioso, ou que se tornou desvalorizado. (Pacheco, 2007. P. 67)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição deste trabalho foi oportunizar uma reflexão acerca das possibilidades de alfabetização/letramento das pessoas jovens e adultas auxiliada pelo uso do computador e as tecnologias no laboratório de informática ou em sala de aula. A EJA, considerada como modalidade de ensino inclusa no ensino fundamental prevê todos os direitos a ela estabelecidos por lei, sendo assim, tem o direito a uma educação de qualidade incluindo o acesso as TICs no ambiente escolar. Para tanto, retoma-se o questionamento inicial desta pesquisa a fim de evidenciar o estado catatônico que se encontra a EJA no cerne a inclusão digital e o uso do laboratório de informática.

O laboratório de informática, assim como todos os espaços da escola, é um território de disputa. Disputa simbólica, de diversas concepções de ensino e aprendizagem, de como deve ser o laboratório e como de ser organizado o trabalho ali, entre outras questões, que aparecem nas falas das entrevistadas. A questão da presença ou não de um estagiário é emblemática neste sentido. Ser um território de disputa é quase que uma característica dos ambientes públicos, como a escola.

A questão é quando essas tensões, entre quadros docentes, gestões de escola e mantenedoras acabam, no cotidiano, não favorecendo, pelo desuso, o objetivo de um espaço como o laboratório de informática na escola deveria ter: potencializar a aprendizagem e a inclusão social e digital das pessoas jovens e adultas.

A pesquisa também mostrou que a escola alvo desse trabalho possui ferramentas tecnológicas básicas para uso pedagógico em seu laboratório de informática, mas está sendo usado precariamente por falta de incentivo, infraestrutura e por falta de preparação do corpo docente para a utilização das

tecnologias neste espaço desfavorecendo a prática docente principalmente nas turmas de alfabetização T1 e T2.

No decorrer deste trabalho houve algumas desventuras que impossibilitaram um aprofundamento do tema, contudo se conseguiu ter as respostas mesmo que numa amostra reduzida, os resultados foram significativos para essa pesquisa. Tivemos a greve das escolas rede estadual de educação durante o período das entrevistas, que culminou na redução do número de participantes.

Portanto, a utilização das TIC na EJA ainda é um desafio para a escola, falta estrutura física e digital, aos professores, faltou no seu processo formativo um estudo sobre a utilização das TIC. A comunidade escolar como um todo, gestor, professores, precisa unir esforços no sentido de trazer para cotidiano da EJA às tecnologias com mais frequência e promover a aprendizagem por meio delas fazendo uso dos aparatos tecnológicos presentes no laboratório de informática, reestruturando suas práticas pedagógicas no sentido de promover um ensino significativo e de qualidade. Assim para (WARSCHAUER, 2006) “As tarefas são imensas, assim como o desafio: reduzir a marginalização, a pobreza e a desigualdade, e estender a inclusão social e econômica para todos.” (p. 289)

Adquiriu-se um grande aprendizado no decorrer deste trabalho, no sentido de respeitar as peculiaridades de EJA, ter em mente que proporcionar a estes estudantes o uso da TIC promove a inclusão social e digital, sendo eles elementos chaves para o convívio pleno na sociedade contemporânea. Esperamos ter deixado nestas páginas germens para futuros que possam aprofundar o tema, buscando estratégias que articulem as TICs na EJA no contexto da inclusão social e digital.

## 6 REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. 2.ed. Ver. e atual – São Paulo: Moderna, 1996.

BERNARDES, Eliane Teresinha. **O uso das tecnologias da informação e da comunicação na alfabetização de jovens e adultos**. 2011. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142843>>. Acesso em: 20 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **PARECER CNE/CEB 11/2000**. Parecer de autoria de Carlos Roberto Jamil Cury. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)>. Acessado em 01 nov.2017.

BRASIL. **LEI Nº 5.379, DE 15 DE DEZEMBRO DE 1967**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/l5379.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l5379.htm)>. Acessado em 06 nov. 2017.

Brasil. **CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824)**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm)>. Acessado em 20 out. 2017.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acessado em: 24 set. 2017.

BRASIL. **PROINFO INTEGRADO.** Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=131](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=131)>  
. Acessado em 03 set. 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto 6.504**, de 04.07.2008. Institui o Projeto Computador Portátil para Professores, no âmbito do Programa de Inclusão Digital, e dá outras providências. Disponível em  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/decreto/D6504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/decreto/D6504.htm)>.  
Acessado em 14/10/2017

BRASIL. **Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Gesac.** Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão. Disponível em:  
<<http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/comunicacao/SETEL/gesac/gesac.html>>.  
Acessado em 17 set. 2017.

BRASIL. **EJA caderno 1** - Portal do MEC. DISPONÍVEL EM:  
<[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_caderno1.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf)>. Acessado em  
20 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **O projeto Computador Portátil para Professores.**  
Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34088>>.  
Acessado em 16 out. 2017.

BRASIL. **Programa Brasil Alfabetizado.** Disponível em:  
<<http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>>. Acessado em 17 out.  
2017

BRASIL. Secretaria de Comunicação da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016:** hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em: <<http://www.pesquisademidia.gov.br/#/Geral/details-917>>. Acessado em: 13 out. 2017.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz. **A Sociedade e tecnologia digital:** entre incluir ou ser incluída. Liinc em Revista, v.2, n.2, setembro 2006, p.110-119  
<http://www.ibict.br/liin>: Disponível em:

<<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/sociedade-e-tecnologia-digital-entre-incluir-e-ser-inclu%C3%ADda>>. Acesso em: 14 out. 2017.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **CONCEPÇÕES E POTENCIALIDADES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RS**. Volume 1 – Metodologias, mundo do trabalho e educação ao longo da vida. Rodrigues, Adriana Soares e Corrêa, Maria Luciane Franco. p. 16. Disponível em <[http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/dp\\_cga\\_eja.pdf](http://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/dp_cga_eja.pdf)>. Acessado em 26 set. 2017.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **NTE** - Porto Alegre - Portal Educação RS. Disponível em: <<http://portais.educacao.rs.gov.br/AreaPortalInstitucional/PaginaSimples/PaginaSimples.aspx?pgn=3174&portal=134>>. Acessado em 23 out. 2017.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Inclusão Social e Cidadania**. 32<sup>a</sup> International Conference on Social Welfare. Brasília: 2006.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. Prefácio: Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres. 2.<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Editora Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **EDUCAR COM A MÍDIA: Novos diálogos sobre Educação**, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Ed. Cortez. 2013. 2<sup>a</sup> ed.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.



ISAAC, Neyoe Jorge. **Prontidão para aprendizagem-** novos rumos na avaliação. Arq. Bras. Psic. Rio de Janeiro, 1980. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18280/17027>>.

Acessado em 27 dez. 2017.

JORNAL DO BRASIL ON-LINE. **Falta de experiências pedagógicas é desafio na educação de jovens.** Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/confinteajbonline29\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/confinteajbonline29_05.pdf)>. Acessado em 10 out. 2017.

LARROSA, J. **Tecnologia do eu e educação.** IM. Silva T.T (org) O sujeito da Educação Estudos Foucaultianos, 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MACHADO, David. MESQUITA; Helena R. WARPECHOWSKI, Mariusa. ZANELLA, Renata. **Capacitação de professores em uma escola pública:** desmistificando o Linux Educacional. (UNICNEC) - Osório – RS – Brasil Curso de Licenciatura em Informática. I Simpósio Ibero-Americano de Tecnologias Educacionais - SITED 2017 Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC Araranguá, SC, Brasil - 8 a 10 de maio de 2017. Disponível em: <<https://publicacoes.rexlab.ufsc.br/index.php/sited/article/download/79/70>>.

Acessado em 27 dez. 2017

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnica de pesquisa, elaboração, analisar e interpretação de dados.** São Paulo: ATLAS, 1996. 3a. ed.

MORAN, José Manuel, MASSETTO, Marcos T., BEHRENS Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas.** Campinas, SP. Papyrus, 2012.

NASCIMENTO, José Rafael. **Nova Economia, Novo Consumidor.** Artigo publicado na Revista de Comunicação e Marketing, nº 1, dezembro de 2000. Lisboa: ISCEM. <[http://www.mettodo.com.br/pdf/Nova\\_Economia\\_Novo\\_Consumidor.pdf](http://www.mettodo.com.br/pdf/Nova_Economia_Novo_Consumidor.pdf)>.

Acessado em 21 de jan. 2018

NONATO, Simônia Marques. **Tecnologias da informação e comunicação na Educação de Jovens e Adultos: desafios e possibilidades**. 2014. [48] f., il. Monografia (Especialização em Gestão Escolar) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/9149>>. Acessado em: 22 de set. 2017

NUNCIATO, Renata Cristina. **Inclusão digital: uma experiência com alunos da EJA**. 2009. <file:///C:/Users/Claudia/Downloads/RenataNunciato\_TCC.pdf. Este documento encontra-se depositado na Biblioteca-FE, apenas no formato digital para Download. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=41043&opt=4>>. Acessado em: 14 out. 2017.

PACIEVITCH, T. **Inclusão Digital**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/inclusao-digital/>>. Acessado em: 14 out. 2017.

PACHECO, Samuel Bueno. **Inclusão e exclusão digital: desafios da educação na Era do Informacionalismo**. Revista Alpha, UNIPAM (8):66-77, nov. 2007. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/21394/inclusao-exclusao.pdf>>. Acessado em 21 jan. 2018.

PHILIPPSEN, Luisa. **A modalidade da EJA em tempos de cultura digital: entrecruzando histórias e possibilidades de ensinar e aprender**. 2014. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/115775>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

ROLKOUSKI, E. **Tecnologias no ensino de matemática**. Curitiba: Ibepex, 2011.

SANTOS, Maria Elzilene Silva dos. **O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO AOS JOVENS E ADULTOS**. 2016. 30 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Práticas Educacionais e Currículo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <[https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2637/3/O uso de novas](https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2637/3/O%20uso%20de%20novas)>

[tecnologias na educação de jovens e adultos Artigo 2016.pdf](#)>. Acesso em: 24 set. 2017.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-crítica**: 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Renata Andrade da; YABUTA, Yukielle Ferreira. **O USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**: Inclusão Digital e Alfabetização Midiática. 2015. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2219/1/RAS18092017>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Lúcia Barros de. **Inclusão Social na Sociedade da Informação e da Comunicação: desafios e possibilidades em EJA**. 2007. 52 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/culturadigitalmidiasmoveis/wpcontent/uploads/2014/11/m\\_onografia\\_Lucia\\_VERSAO\\_ENTREGUE-TICs.pdf](https://www.ufrgs.br/culturadigitalmidiasmoveis/wpcontent/uploads/2014/11/m_onografia_Lucia_VERSAO_ENTREGUE-TICs.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2017.

SOUZA, Eliane Catarina de. **Acesso ao Computador e a Internet Por Uma Turma de Alunos Adultos em Processo de Alfabetização e em Situação de Vulnerabilidade Social**. 2010. 50 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Mídias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141543>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SOUZA, Iara Maria Konrad de. **Um novo olhar de educação de jovens e adultos sob o enfoque das tecnologias de informação e comunicação**. 2012. 93 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mídias e Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95867>>. Acesso em: 21 set. 2017.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **BREVE HISTÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun. 2010 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf)>. Acessado em 04 nov. 2017.

**Tecnologia da Informação e comunicação**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/>>. Portal InfoEscolar. Acessado em 24 out. 2017.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **Formação docente e inclusão digital: “a análise do processo de emersão tecnológica de professores”**. Tese de Doutorado em Informática na Educação) - Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14660>>. Acessado em: 24 out. 2017.

VERASZTO; Estéfano Vizconde, SILVA. Dirceu; MIRANDA. Nonato Assis de, SIMON. Fernanda Oliveira, **Tecnologia: Buscando uma definição para o conceito**. 2008. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/681/pdf>>. Acessado em 24 out. 2017.

VASCO, Aline Mendes. **Inclusão digital em escolas**: estudo de caso: Escola Municipal Lêda de Lima Canário. Londrina, 2008, 13 p. (Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do Título de Especialista em Informática na Educação).

VIRIATO. Ednete Orquizas, **A Tecnologia Digital e a Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: <<http://proec.ufabc.edu.br/ejaecosol/a-tecnologia-digital-e-a-educacao-de-jovens-e-adultos/>> s.d. Acessado em: 14 out. 2017.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

YIN, R. K. (2005). **Estudo de caso- Planejamento e Métodos**. São Paulo, Editora Bookman.

ZÍLIO, Cátia. **Educação pública e opção pelo software livre nas escolas estaduais de Porto Alegre**: um estudo sobre concepções de professores. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/71276>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

## Anexos e apêndices

### Anexo 1 – Termos de consentimento



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Departamento de estudos especializados

#### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Cláudia Beatriz Neizke Bertoche, aluno(a) regular do curso de **Licenciatura em Pedagogia** promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Evandro Alves, realizará a investigação “**Inclusão digital na Educação de jovens e adultos(EJA), desafios e possibilidades**”, junto a equipe diretiva, educadores e estudantes desta modalidade de ensino de escolas estaduais (1ª CRE) do município de Porto alegre de 15 setembro a 30 de dezembro de 2017. O objetivo desta pesquisa é investigar possíveis problemas enfrentados professores e estudantes com relação à inclusão digital e o uso das TICs na EJA e as possibilidades de aprendizagem desses sujeitos.

Os(As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de uma pesquisa qualitativa sendo adotado o método de entrevistas semi-estruturadas, em que os indivíduos participantes terão de responder a algumas questões referente ao tema abordado.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 985341434 ou por e-mail - [claubertoche@gmail.com](mailto:claubertoche@gmail.com)

.....

Após ter sido devidamente informados/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU \_\_\_\_\_, inscrito sob o no. de R.G. \_\_\_\_\_, concordo em participar esta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

## **Anexo 2 - Roteiro de Entrevista**

**Objetivo:** Objetivo desta entrevista será verificar se há a utilização do laboratório de informática por educadores e estudantes da Educação de Jovens e Adultos, possibilitando identificar as dificuldades e possibilidades do uso das TCs encontradas no decorrer do processo de inclusão digital em escolas públicas estaduais.

### **Questões para equipe diretiva e educadores:**

1. Qual seu nome, formação acadêmica e tempo de docência?
2. Há quanto tempo trabalha na EJA? Como acabou trabalhando como a modalidade de ensino? Você tem formação específica para trabalhar com a EJA?
3. Você possui formação na área de informática voltada à prática pedagógica?
4. Utilizas ou já utilizou o laboratório de informática ao longo da sua carreira docente em turmas de EJA no processo de ensino/aprendizagem? Como?
5. Há um uso frequente do laboratório de informática pelos estudantes da EJA na escola?
6. Na sua opinião quais fatores limitam o uso do laboratório de informática pelos educadores e estudantes da EJA?
7. Trabalhar no laboratório de informática traz contribuições a formação dos Estudantes jovens e adultos? Quais?

8. Para você, o que o laboratório de informática das escolas deveria ter ou oferecer para qualificar as práticas pedagógicas da EJA nestes espaços?

#### **Questões para os estudantes:**

1. Qual seu nome, idade, turma?
2. Possui computador em casa? Outro tipo de equipamento, como notebook, tablet ou celular?
3. Você utiliza a internet regularmente? Que equipamento utiliza para conectar-se?
4. você utiliza ou já utilizou o laboratório de informática da sua escola? Em que ocasião e para quê? Você gostou da experiência
5. Você considera que usar os recursos tecnológicos com: computador, internet, tablete, iphone na escola ajudariam você de alguma forma? Se sim, poderia dizer algumas destas formas?
6. Trabalhar com informática na escola contribuiria com sua aprendizagem? De que maneira?
7. Que coisas ou atividades o laboratório de informática deveria ter ou oferecer para ser bem utilizado nas suas aulas? Porque?

#### **Questões para o NTE**

1. Qual seu nome, formação acadêmica e tempo de docência?
2. Há quanto tempo trabalha no Núcleo de Tecnologias Educacionais? Como acabou vindo trabalhar neste setor?
3. Como analisas os programas governamentais (Proinfo, Gesac e Programa Computador Portátil para Professores)? Aconteceram efetivamente? Tiveram impacto na rede de ensino? Como está a situação destes programas atualmente?
4. como tem funcionado a formação técnica e pedagógica do NTE junto das escolas e quadro docente da 1ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação)?
5. Há algum tipo de formação ou recurso disponibilizado nos laboratórios de informática voltado para a Educação de Jovens e Adultos?
6. Na sua opinião, quais fatores limitam o uso do laboratório de informática pelos educadores e estudantes da EJA?
7. No seu entendimento, um trabalho sistemático no laboratório de informática traria contribuições a formação dos Estudantes jovens e adultos? Quais?
8. Para você, o que o laboratório de informática das escolas deveria ter ou oferecer para qualificar as práticas pedagógicas da EJA nestes espaços?



## **Anexo 3 - Transcrição das entrevistas**

### **Questões para equipe diretiva e educadores:**

**1º Entrevistad@.**

**1. Qual seu nome, formação acadêmica e tempo de docência?**

*-Bit: Meu nome é \*\*\*\**

*-Minha formação é fiz no curso Magistério no colégio Bom Conselho e tenho pedagogia incompleto pela FAPA.*

*-Tempo são mais ou menos 26 anos de docência.*

**2. Há quanto tempo trabalha na EJA? Como acabou trabalhando como a modalidade de ensino? Você tem formação específica para trabalhar com a EJA?**

*-Trabalho na EJA a mais de 10 anos, uns 15 anos!*

*-Acabei trabalhando na EJA por uma burocracia da escola, que não tinha professor para a noite.*

*-Eu era do ensino regular do (CAT) Certificação de Avaliação de Título, a tarde né... Da 1ª a 2ª série, mas acabei indo para o noturno na EJA.*

*-Não tenho formação específica, fiz alguns cursos, que foram através da escola proporcionado pelo GRUPO DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO, METODOLOGIA DA PESQUISA E AÇÃO (GEEMPA) e outros cursos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*

**3. Você possui formação na área de informática voltada à prática pedagógica?**

*-Não tenho formação na área da informática, muito pouco, algum proporcionado pela própria escola*

**4. Utilizas ou já utilizou o laboratório de informática ao longo da sua carreira docente em turmas de EJA no processo de ensino/aprendizagem? Como?**

*-Já utilizei o laboratório de informática, utilizo quando possível, para praticar alguma atividade né, com o computador, como lidar com ele e alguma pesquisa.*

**5. Há um uso frequente do laboratório de informática pelos estudantes da EJA na escola?**

*-Sim, a partir da T3 eles utilizam bem mais o laboratório de informática.*

**6. Na sua opinião quais fatores limitam o uso do laboratório de informática pelos educadores e estudantes da EJA?**

*-Limita acho que, a falta de capacitação dos professores né, de cursos basicamente, até porque o sistema é o LINUX e uma orientação mais formal do professor passar os dados para os alunos e o modo de trabalhar.*

**7. Trabalhar no laboratório de informática traz contribuições à formação dos Estudantes jovens e adultos? Quais?**

*-Acredito que trabalhar na informática é fundamental, porque o mundo agora é todo digitalizado no trabalho pra tudo, nas lojas.*

*-Então, seria muito interessante um trabalho mais assíduo, até pelo conhecimento de mexer no computador, e o quanto ele pode oferecer.*

**8. Para você, o que o laboratório de informática das escolas deveria ter ou oferecer para qualificar as práticas pedagógicas da EJA nestes espaços?**

*-Um monitor que tivesse maior conhecimento para ajudar os professores que queiram trabalhar no laboratório de informática.*

*-Como não são oferecidos cursos para gente se atualizar, seria interessante.*

**Voz do entrevistador: pergunta extra.**

**A escola não proporciona curso de formação para os professores da EJA na área da informática?**

*-Há muitos anos atrás foi passado, assim, male, male!*

*- Depois disso nunca mais!*

*-Foi um professor que fez a formação e passou para os outros professores.*

*- Isso eu também quero frisar, que acontece mais na EJA, porque no diurno até os alunos trabalham com aqueles laptops pequenos e tudo né! (Professores com formação diferente da EJA e alunos que trabalham mais no laboratório)*

*-É outro tipo de formação que eles têm! (Professores do diurno)*

**2º Entrevistad@:**

**1.Qual seu nome, formação acadêmica e tempo de docência?**

**-Gigabit:** vice-diretora Da Escola \*\*\*\*\*

*-Tenho graduação plena na área da educação, tenho pós-graduação, fiz três pós-graduação 4 com uma mais recente, todas na área da educação.*

*-Eu fiz até em diferentes instituições, fiz duas na UFRGS, uma na PUC e uma na Palestrina.*

*-Então fiz, arte educação, gestão, educação matemática e essa última eu fiz em filosofia clínica dentro da área também.*

*-Eu fechei este ano 38 anos de sala de aula e concomitante nesses últimos 5 anos estive na função de vice-diretora.*

**2. Há quanto tempo trabalha na EJA? Como acabou trabalhando como a modalidade de ensino? Você tem formação específica para trabalhar com a EJA?**

*-Sim, eu trabalhei muitos anos com a EJA, eu trabalhei desde a época que tínhamos outra nomenclatura, nós éramos o supletivo.*

*-Então eu venho desse período de supletivo que depois uns anos, passou, então a ser a Educação de Jovens e Adultos.*

*- Trabalhei no supletivo ensino fundamental, depois quando a escola que trabalhei passa a ser de ensino médio, EJA ensino médio, passei a trabalhar com o ensino médio.*

*-Formação específica eu fiz uma pós-graduação na UFRGS Na EJA... tá, eu trabalhei na Juvenilização na EJA, foi a matéria, o assunto que abordei no trabalho, e tenho, até uma contribuição em um livro.*

**3. Você possui formação na área de informática voltada à prática pedagógica?**

*-Formação na informática não, eu tenho cursos pequenos né assim de informática, não cursos grandes voltado para a educação.*

*-Foi mais de interesse meu, ampliar um pouquinho minha bagagem nesse sentido que é muito pequena.*

*-Já fiz um curso proporcionado pela SEC, de mídia, lá na própria Secretaria de Educação. Depois teve um curso oportunizado para nós, na formação no período de formação para o uso dos laptops.*

*-Tivemos orientações, veio pessoas da Secretaria educação aqui na escola. - Auxilia de professores nossos que já tinham conhecimento bastante já também nessa ferramenta.*

**4. Utilizas ou já utilizou o laboratório de informática ao longo da sua carreira docente em turmas de EJA no processo de ensino/aprendizagem? Como?**

*-Na época em que trabalhei... pouco! Por quê, eu comecei em uma escola que não tinha muito ainda, estava recém começando a fazer uso.*

*-Então, era o período que eu estava em sala de aula, era pouco esse conhecimento ainda né...era muito novo, vamos dizer assim, entende!*

*-E eu sou de uma época... e me formei com uma orientação muito precária a respeito disso.*

*-Eu fui aprendendo por conta própria né... O uso da máquina, em função da necessidade.*

### **5. Há um uso frequente do laboratório de informática pelos estudantes da EJA na escola?**

*-Sim, sim, temos professores que usam com bastante frequência, a professora de língua portuguesa, o de artes também trabalha música, desenhos geométricos.*

*-Eles usam, a até eu diria com uma frequência boa, várias vezes... Eu vejo eles, esses professores trabalhando no laboratório, que eu mencionei arte e português.*

### **6. Na sua opinião quais fatores que limitam o uso do laboratório de informática pelos educadores e estudantes da EJA?**

*-Olha eu vou colocar mais como um pensamento meu, como eu vejo, como eu penso que seja!*

*-Não é uma coisa que se diga que é! Mas que penso seja, bem pessoal!*

*-Eu penso assim, as pessoas de mais idade...eu me formei a muito anos atrás, embora sempre em cursos, sempre tentei me atualizar, buscando novas ideias né, novos cursos, tentando interagir com toda essa nova tecnologia que temos aí!*

*-Eu vejo que... não diria uma resistência entende! Desses professores de mais idade para o uso disso!*

*-Eu acho que muito mais um...pessoas de mais idade tem receio de mexer e estragar, por não ter um conhecimento, talvez mais firme, né... nesse sentido, então teme usar e estragar ou não sabem usar direito, entende!*

*-E na escola temos poucas condições para ter alguém ajudando, auxiliando a pessoa. Agora que temos, né... alguém aqui que, mesmo assim, na ausência de algum professor, esse professor está ocupado lá na sala de aula, não ficando disponível para auxiliar alguém que vá para o laboratório.*

*-Então eu penso que um dos fatores é ter alguém experiente para estar ali sempre, entende...que seja uma pessoa especificamente para isso, tipo um monitor, um suporte, uma pessoa que seria...deu problema nos computadores, ela tá ali para sanar o problema.*

*-Porque se um professor pouco experiente.... Deu uma pane, um problema, ele para a aula porque não sabe resolver o problema ali!*

*-Então eu acredito que isso é um dos fatores que inibe um pouco, né... e faz com que esses professores não se aproximam muito desse recurso, entende, mas é nesse sentido!*

*-Acho que, eu vi em cursos que foram oferecidos aqui que, existe uma vontade, né.... Eles se vislumbram com tudo o que é mostrado, com tudo que ele pode usar, mas existe aquele receio de usar a ferramenta por não ter esse conhecimento de forma mais sólida, entende!*

*-Em relação a outras tecnologias em sala de aula, como o celular, é uma coisa bem particular da metodologia do professor, se o mesmo, ele não tem na sua aula, não está organizada para isso, então vamos dizer assim, ele é proibido, mas nada impede que o professores dentro do seu... da sua aula ele programe, entende!*

*-Porque, agora vem uma colocação bem pessoal, mas baseada até em experiências que vivenciei, que o uso principalmente do celular dentro da sala de aula, ele é um pouco desenfreado por parte do aluno, entende! Eles não têm limites, eles não veem com um recurso de aprendizagem, e muitas vezes....*

*-Eu não culpo a família com relação a essa questão, entende, mas é um conjunto de fatores que a **criança** ganha o celular muito precocemente enquanto ainda não tem o entendimento real do quanto isso pode ser útil como uma coisa muito mais, entende, como aprofundar seus estudos, buscar informações para uma pesquisa, a mesma coisa que ele estaria usando o computador, ele pode usar o celular com o mesmo sentido.*

*-Mas como o professor, ele tem sua turma vezes com muitos alunos isso dificulta ele conseguir lidar com isso.*

*-Por que tu vê! Com uma pequena distração aquele aluno já está em outra coisa, entende! Que não aquilo na qual está sendo solicitado o uso do celular.*

*- Ele fica no whats, e fica nas redes sociais, usando indevidamente na sala de aula.*

*-Então, é uma coisa que ainda precisa ser pensado melhor.*

## **7. Trabalhar no laboratório de informática traz contribuições à formação dos Estudantes jovens e adultos? Quais?**

*-Eu digo assim, poderia trazer, eu não vou dizer que traz, porque hoje o nosso aluno de hoje não o mesmo aluno nosso de ontem!*

*-Porque, o de ontem tinha mais limites, hoje tu não podes mais chamar a atenção de um aluno que tu recebes um processo.*

*-Tu não podes cobrar disciplina de um aluno porque também está ferindo né, o lado do aluno.*

*-É muito direito, muito direitos, entende! Então, o professor está se sentindo amarrado, entende! Então ele poderia trabalhar melhor no momento que tivesse autonomia para usar formas assim de impor limites.*

*-Não tô dizendo punitivas nesse sentido, chamar o aluno ou colocar um recadinho.*

*-Eu fui chamada atenção uma vez porque ter colocado um recado em uma prova de um aluno.... Pô né! O outro aluno disse que eu estava invadindo o material do colega.*

*-Eu fiquei olhando para o aluno assim, completamente perplexa!*

*Fala da entrevistadora: Quer dizer que está faltando limites para que se torne uma coisa positiva o uso das tecnologias, é isso?*

*-Sim!*

*-Eu acho que poderia, eu acho que toda essa tecnologia que está aí pode nos contribuir e muito para o aprendizado, ampliar, reforçar, enfim, de várias formas, porém tá difícil de poder trabalhar com isso em função do nosso aluno, que está com muitos... muitos direitos, direitos e direitos.*

*-E não tem compromisso com seus deveres, entende!*

*-É isso que eu vejo de impasse, entrave, de obstáculo para que isso possa ser usado certa tranquilidade, entende! Não sei como fazer... a gente tenta, a gente vai explorando, esperando ter sucesso com isso.*

### **8. Para você, o que o laboratório de informática das escolas deveria ter ou oferecer para qualificar as práticas pedagógicas da EJA nestes espaços?**

*-É o que eu acho, falta uma pessoa para controlar, se tem uma pessoa para abrir o laboratório.... Se o professor vai abrir, organizar seus alunos lá dentro, vai fechar, ele já tem um tempo mais curto para botar em ordem- Se tivesse uma pessoa responsável com uma formação que entenda, para organizar o laboratório após os alunos se retirarem, entende, com uma cobrança disciplinar ali dentro teríamos mais êxito.*

*-Acho que o que temos no laboratório já daria para começar e teríamos bons resultados!*

*-Eu acho que falta um suporte mesmos, humano, recursos humanos!*

## **Questões para o NTE**

### **3º Entrevistad@**

#### **1.Qual seu nome, formação acadêmica e tempo de docência?**

***-Plug-in:** Coordenação do NTE da 1º CRE/RS, Porto Alegre.*

*-Mestrado em informática na educação.*

*- Primeiro Pedagogia, depois Psicopedagogia na especialização e informática na educação no mestrado.*

*Em uma matrícula tenho 17 anos na outra 16, tive 8 anos de docência em sala de aula. Não minto 6 anos em sala de aula e 4 anos no laboratório de informática, mas mesmo assim deu 8 porque uma das matrículas já estava.*

*(Fala da entrevistadora). Trabalhasse com a EJA neste período?*

*-Nunca trabalhei com a EJA, foi anos iniciais!*

**2. Há quanto tempo trabalha no Núcleo de Tecnologias Educacionais? Como acabou vindo trabalhar neste setor?**

*-Trabalho a 5 anos no núcleo!*

*-Eu participei de um congresso em Santa Catarina, onde tinha uma pessoa que trabalhava aqui, meu artigo também era sobre tecnologia na educação, aí a pessoa indicou meu nome, eu fui convidada, depois em entrevista com o coordenador da CRE da época, ele viu todo o dossiê que já tinha lá meu, do meu trabalho no laboratório, que era sempre feito no final do ano e mais o projeto do início do ano para utilizar. O laboratório de informática atendia séries iniciais e finais, anos iniciais e finais.*

*-Aí ele (**coordenador do NTE**) achou muito relevante meu trabalho... e disse que aquele trabalho que eu fazia lá (**escola**) eu tinha que fazer a partir daqui (**NTE**).*

*-Daí me convidou oficialmente para vir, minha diretora ainda demorou um tempo para me liberar, fui emprestada 16 horas para cá (**NTE**), fiquei trabalhando a noite, depois ela me liberou um ano depois.*

**3. Como analisas os programas governamentais (Proinfo, Gesac e Programa Computador Portátil para Professores)? Aconteceram efetivamente? Tiveram impacto na rede de ensino? Como está a situação destes programas atualmente?**

*-Então, o GESSAS eu não conheço!*

*-São políticas na verdade, a partir das políticas se forma os programas, tudo que tecnologia móvel como, tablets, laptops no caso fazem parte do Proinfo também, tá!*

*-Cada estado adota um nome porque ele adere com verbas próprias ou com financiamento do FNDE, mas são todos do Proinfo, tá!*

*-Como é que funciona, o Proinfo esteve fora do ar de 17 de fevereiro de 2016 até agora sexta-feira dia 20 de outubro de 2017, voltou a funcionar, foi a informação que eu tive sexta-feira.*

*-Bom tem as diretrizes do Proinfo de 1997, ela não mudou, foi quando ela foi criada.*

*-Ele só mudou o nome, ele primeiro era o **Programa Nacional de Informática na Educação** e a partir de 2001 ele passou a ser **Programa Nacional de Tecnologia Educacional**, tá!*

*- Então ele cobre tudo que é tecnologia, laboratório móvel, lousa digital, projetor multimídia que é o kit-multimídia...há laptops, tabletes, sala de*

*autoatendimento educacional especializado, tudo que tiver que envolver tecnologias o Proinfo é um grande guarda-chuva, cobre tudo!*

*-O último equipamento do Proinfo em termos de laboratório chegou nas escolas em 2013... quer dizer chegou até o ano de 2015 do pregão de 2012/2013 que são justamente os estados que aderem, fazem a compra, então até chegar tem todo um processo.*

*-Os laptops foi em 2014 a distribuição em Porto Alegre, mais. Ela ainda está acontecendo no interior do estado, e os tabletes educacionais em 2014/2013, tá!*

#### **4. Como tem funcionado a formação técnica e pedagógica do NTE junto das escolas e quadro docente da 1ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação)?**

*-Se funciona, funciona, funciona!*

*-A questão é que muito dos professores não têm a formação adequada para o uso da tecnologia.*

*-Isso que eu vou te perguntar agora! (Fala da entrevistadora)*

*-A procura sempre é grande, mas tu tens que pensar no seguinte, ela é uma formação continuada pós formação inicial, tá!*

*-Então o que falta aí, faltam programas de formação inicial na licenciatura do professor, usar como aluno lá na faculdade, para ele entender o sentido do uso da tecnologia, para ele começar a ter a crença a respeito e ver o funcionamento disso, porque na universidade, na faculdade ele só vê a teoria da aprendizagem que não são... Até são compatíveis com o uso da tecnologia, mas ele não vê essa teoria conversar com a tecnologia, então pra ele não faz sentido.*

*-Ia posterior a licenciatura, sempre há alguma brecha, mas nem tudo, porque nem todos os professores são usuários, então, vai fazer sentido essa formação continuadas.*

*- Para aquela geração que já é usuária independente de ter tido ou não contato na licenciatura, então faz mais sentido usar a tecnologia, tá dentro de suas crenças pessoais de homem, de educação e de aprendizagem o uso da tecnologia.*

*-Onde os professores fazem o curso (Fala da entrevistadora)*

*-É aqui no NTE, cada CRE tem um NTE, São 34 No estado.*

#### **5. Há algum tipo de formação ou recurso disponibilizado nos laboratórios de informática voltado para a Educação de Jovens e Adultos?**

*-Todos os cursos são voltados para as etapas de ensino!*

*-Sim, do ensino fundamental ao médio!*



*-Também a EJA que se encaixa dentro do ensino fundamental ou dentro do ensino médio dependendo do direcionamento da EJA é aberto para todos.*

*-com relação aos EJAS, eu não conheço a realidade da Neeja(a entrevistada confundiu-se com os nomes) porque nos procuram pouco!*

*-Uma das questões que é importante ressaltar, é que o NTE não convoca o professor para fazer a formação, ele convida, então, fica a critério da direção, da gestão passar para o professor e os próprios professores aderirem e vir, tá!*

## **6. Na sua opinião, quais fatores limitam o uso do laboratório de informática pelos educadores e estudantes da EJA?**

*-Então, eu sinto... Assim, daí é uma realidade que não se restringe aos NEEJAS é a estrutura física das escolas, a questão de arquitetura deteriorada em muitas escolas, instalações comprometidas, às vezes não tem espaço adequado tá! Comprometendo o uso.*

*-Em algumas escolas até tem laboratório arrumadinho, uma sala bonitinha, mas as gestões também não confiam, e não libera para os professores, tá!*

*- A gente ouve muitas vezes depoimentos do tipo: - Há, nós temos laboratório, mas a direção não deixa usar, tá chaveado!*

*-Há, ou então, outra crença muito interessante é que precisa ter um gestor para o laboratório, um professor especializado para gerir o laboratório.*

*-Então tem esse mito e não há necessidade de ter. Todos dominando um pouco e sabendo o objetivo do uso, para que usar né, não precisa de um gestor, um responsável para o laboratório.*

## **7. No seu entendimento, um trabalho sistemático no laboratório de informática traria contribuições a formação dos Estudantes jovens e adultos? Quais?**

*-E depende do tipo de trabalho realizado pelo NEEJA, por exemplo, o nosso NEEJA que abriga o NTE, ele é muito rotativo o fluxo, porque os alunos vêm para assistir pontualmente aquela aula que necessita e depois realiza uma prova, então não há uma permanência.*

*-Então! Nesse sentido, eu não sei o quanto ela influencia, quanto peso poderia ter no desenvolvimento do aprendiz no caso, tá! Mas sempre vejo como válido o uso, por que é uma maneira de se.... De o aluno interagir no seu próprio conhecimento.*

*-Então sim, eu penso que é válido sim, seja na modalidade de aulas regulares ou como é no Vicente Cheler, eu penso que é bom, é benéfico, o aluno sempre tira proveito.*

*-Ainda mais que a clientela, por exemplo, do que eu vejo aqui são jovens, e o jovem já está inserido digitalmente, então ele vai ter um entendimento melhor, um aproveitamento melhor, porque ele sabe interagir com a tecnologia.*

*-A questão volta à capacitação do professor, será que ele está capacitado para usar as tecnologias com essa clientela?*

*-É essa a questão que vejo!*

**8. Para você, o que o laboratório de informática das escolas deveria ter ou oferecer para qualificar as práticas pedagógicas da EJA nestes espaços?**

*- A estrutura arquitetônica em primeiro lugar, não ter goteiras por exemplo, aqui no próprio NTE tem goteira em um dos laboratórios, o maiorzinho, toda a hora tem que tapar os equipamentos, se for uma chuva não dá para usar.*

*-Então, uma estrutura arquitetônica adequada, a parte lógica que é a instalação elétrica, de cabos adequados e também uma boa internet, não que ela seja fundamental tá! Porque existem muitos Apps, programas off-line, mas depende dos aparelhos que estejam... Que não sejam ultrapassados a tecnologia, que esteja atualizado né!*

*- E para isso, sim eu vejo a necessidade de uma manutenção e talvez algum “responsável pela manutenção” do laboratório, e sim, nesse sentido técnico do processo não no sentido pedagógico!*

*-A reclamação dos professores é o sentido pedagógico, um gestor pedagógico do laboratório.*

*-Eu vejo que há a necessidade de um gestor técnico tá! Quem trata da parte pedagógica é o professor, quem sabe o que quer atingir é o professor.*

*-Então, nossos aparelhos na maioria dos laboratórios estão defasados, porque o Proinfo começou a ser distribuído aqui em Porto Alegre em 2000, eu posso falar da nossa realidade aqui de Porto Alegre em 1998 e terminou em 2015, então muitos d0s tabletes estão sucateados realmente, tá!*

*-Então precisa ter uma boa estrutura arquitetônica, de lógica, a parte de instalação e uma boa estrutura de computadores atualizados, mesmo sendo o sistema operacional LINUX.*

*-Muitos dos computadores que a gente tem nas escolas ainda estão no LINUX 3.0 e já saiu a versão LINUX 5.*

*-Tem há muitas possibilidades educacionais off-line inclusive. Uma boa internet também, porque é uma janela para o mundo, e não digo só em termos de pesquisa, porque quando se fala em internet o professor acende a “luzinha”, pesquisa!*

*-Não projetos de aprendizagem, vai envolver a pesquisa, mas envolve outras situações, outras dinâmicas né! Uma outra arquitetura que não só a da pesquisa.*

*-Penso que, aí os professores que querem usar não terão medo e se não sabem tentarão horizontalizar a relação com o aluno, porque muitos alunos sabem o uso, e quem sabe o direcionamento pedagógico é ele!*

- Então, essa parceria, ter coragem de fazer essa parceria com o próprio aluno de trocar com ele, de aprender com ele enquanto está ensinando.

-Isso sim, eu sinto ainda falta, não vejo!

-Nem todos têm este perfil, muitos têm o perfil de transmissor ainda do conhecimento e não de construir com seu aluno.

## Questões para equipe diretiva e educadores:

### 4º Entrevistad@

**1) Qual seu nome, formação acadêmica e tempo de docência? Se educador qual(is) turma da EJA leciona?**

*-Pen drive: Licenciatura em Letras – Português e Literatura de Língua Portuguesa, 5 anos de docência. Leciono nas turmas T3, T4, T5 e T6.*

**2) Há quanto tempo trabalha na EJA? Como acabou trabalhando como a modalidade de ensino? Você tem formação específica para trabalhar com a EJA.**

*-Trabalho há 3 anos com EJA, iniciei desde que assumi meu cargo de professora no Estado do RS. Não tenho formação específica.*

**3) você possui formação na área de informática voltada à prática pedagógica? Já participou de cursos de formação nessa área proporcionados pela SEC/NTE (Núcleo de tecnologia Educacional da 1ª CRE)?**

*Fiz apenas um curso da 1ª CRE voltado para o assunto e nunca havia feito outros cursos na área antes.*

**4) Utilizas ou já utilizou o laboratório de informática ao longo da sua carreira docente em turmas de EJA no processo de ensino/aprendizagem? Como?**

*-Utilizo com frequência o laboratório de informática. Os alunos fazem pesquisas, aprendem a usar ferramentas como e-mail, respondem atividades e assistem vídeos.*

**5) Há um uso frequente do laboratório de informática pelos estudantes da EJA na escola?**

*-Sim, eu utilizo frequentemente!*

**6) Na sua opinião quais fatores limitam o uso do laboratório de informática pelos educadores e estudantes da EJA?**

*-Falta de conhecimento técnico do corpo docente e discente, falta de Windows e aplicativos da Microsoft (os aplicativos e sistema operacional baseados em Linux não são tão intuitivos), falta de técnico de laboratório de informática.*

**7) Trabalhar no laboratório de informática traz contribuições à formação dos Estudantes jovens e adultos? Quais?**

*-Sim. Melhora a compreensão textual e a escrita, traz atualização de conhecimentos, insere no mundo digital.*

**8) Para você, o que o laboratório de informática das escolas deveria ter ou oferecer para qualificar as práticas pedagógicas da EJA nestes espaços?**

*-Espaços com planejamento físico melhor, mais atualizados, com técnicos capacitados.*

**5ªentrevistad@**

**Questões para os estudantes:**

**1) Qual seu nome, idade, turma?**

*-Nobreak: 40 anos, turma: T2*

**2) Possui computador em casa? Outro tipo de equipamento, como notebook, tablet ou celular?**

*-Não tenho computador só celular.*

*-Não utilizo a internet nem no celular, meu celular é antigo e eu não sei mexer, por isso eu não mexo.*

*-Eu tentei aprender algumas vezes na aula, mas não consegui pegar!*

*Pes.: Porque tu não conseguiu?*

*-Assim, foi muito rápido tá! -Dai não deu.*

*-Mas pretendo fazer um curso de informática de computação, assim que eu conseguir aprender a escrever bem!*

**3) Você utiliza a internet regularmente? Que equipamento utiliza para conectar-se?**

*-Não, só algumas vezes no computador da escola.*

**4) você utiliza ou já utilizou o laboratório de informática da sua escola? Em que ocasião e para quê? Você gostou da experiência?**

*-Utilizei com a professora Márcia uma vez, com a professora...esqueci o nome dela.. era estagiária também!*

*Pesq.: Estagiária do curso obrigatório de Pedagogia?*

*-lembrei a professora Tania da UFRGS, e com a senhora também!*

**5) Você considera que usar os recursos tecnológicos com: computador, internet, tablet, iphone na escola ajudariam você de alguma forma? Se sim, poderia dizer algumas destas formas?**

*-Acredito que não, acredito que a gente aprende quando o professor se dedica de verdade para gente, quando ele gosta daquilo que está fazendo.*

*-Até porque o professor ganha muito pouco, então faz aquilo por amor!*

*Pesq.: Então, tu achas que só em frente ao equipamento não te ajuda a aprender, se não tiver um professor para te dar orientação adequada, seria isso?*

*-Sim exatamente, o professor tem que falar com calma!*

*-Que nem a prof. Tania que passava muita calma e como a senhora, foram as duas professoras com que eu consegui aprender a ler bem mesmo, e me senti firme contigo e com a prof. Tania!*

*-Não, pra mim não adiantou nada, sinceramente não adiantou!*

*-Porque era muita gente e um só professor para ensinar, e ai dava muita complicação.*

*-Assim, muita correria, o professor não conseguia se dedicar e muito pouco tempo!*

*Teria que ser uma aula... acho só para quilo, daí naquele dia não teria português, nem matemática!*

**6) Trabalhar com informática na escola contribuiria com sua aprendizagem? De que maneira?**

*-Eu acho que teria que ser... ter computadores melhores, ter rede melhor, por que muitas vezes a gente foi para a sala de informática e a rede não estava funcionando, da internet!*

*- Apesar de eu não entender muito eu ouvia os comentários: **“A rede caiu”**, não carrega isso e aquilo!*

*-E ter uma pessoa específica para aquilo, para poder ensinar a gente, pra dar aquela aula de computação desde o início, como se liga o computador, como é que faz para entrar...*

*-Porque eu sou totalmente crua nisso e algumas pessoas também são!*

*Pesq.: Tu achas que o professor não poderia fazer essa função?*

*Eu acho que ele precisaria de mais uma pessoa para auxiliar, entende!*

*-Tipo assim ter um professor só pra quilo, para ensinar os alunos todos só naquela aula de computação entende!*

*-Porque eu acho difícil, pra mim é bem complicado, tanto é que eu nem sei ligar e desligar o computador, eu não sei como entrar como fazer a pesquisa nada!*

*-Porque foi muito pouco tempo, foi muito rápido e é muita informação, e os alunos querendo entrar em coisas que não tem nada a ver com aquilo, com a aula.*

*-Dai complica bastante, tira o foco daquele trabalho que seria...era para aprender uma coisa e o aluno entra em uma sala de música, outro entra na sala de bate-papo!*

*- E ai, com é muita gente a professora não consegue controlar aquela situação!*

*Pesq.: Então, tu achas que o professor precisa de um suporte, uma outra pessoa junto para ajudar a organizar o ambiente?*

*-É isso, para ver se estão só naquilo mesmo ou se não estão fazendo outra coisa, o que estiver fazendo outra coisa tem que se retirar né!*

*-Porque não é justo, aí prejudica todo mundo!*

## **7. Que coisas ou atividades o laboratório de informática deveria ter ou oferecer para ser bem utilizado nas suas aulas? Porque?**

*- Deveria ter mais aulas de informática!*

*-Eu gostaria, eu acho bem interessante se tivesse na escola um tipo de curso só pra isso entende!*

*-Que oferecesse pros alunos, aqueles mesmos que estudam a noite, de tarde!*

*-Separando uma aula de computação só para aqueles alunos aqui da nossa escola!*

*-Acho que seria muito importante pra gente aprender, até pra gente poder trabalhar.*

*- Um básico pra ti poder ligar, fazer uma reclamação pelo... Aquele tipo xerife que aparece no canal 4, que tu tem que entrar no site para poder reclamar alguma coisa.*

*- Se eu precisar eu não vou saber, porque é só pelo site!*

Pesq.: Então tu achas que precisa na escola um curso básico voltado para o funcionamento da máquina, de seus recursos e para o trabalho , para as pessoas que vem estudar poder utilizar as tecnologias dentro e fora da escola, em outros ambientes?

*Sim, por que tudo fala em computador, tudo fala no tal do whats e isso e aquilo, eu por exemplo não conheço essas coisas entende!*

*-E assim como eu tem outras pessoas que tem vergonha de falar que não sabem, gente tímida!*

*-E é bem difícil quando as pessoas fala, “-Mas tu não tem face!”*

*-Eu não tenho, eu fico fora da sociedade, fico excluída, é assim que eu me sinto!*

*- Acho também que a sala de informática ficando fechada como está, prejudica, tem muita gente que gostaria de usar né!*

*-Como eu torno a dizer, teria que ter um horário só para aquela aula, que não nos prejudicasse.*

*-Um dia na semana só para aula de computação, a é da 7 às 10, ai a gente, qualquer pessoa conseguiria aprender.*

